

**FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO**

Eduardo Felipe Santana Dezebrom da Silva

**A NATUREZA MISSIONAL DA IGREJA: UM POVO, UM PROPÓSITO,  
MÚLTIPLOS CONTEXTOS**

SÃO PAULO

2025

Eduardo Felipe Santana Dezembro da Silva

**A NATUREZA MISSIONAL DA IGREJA: UM POVO, UM PROPÓSITO,  
MÚLTIPLOS CONTEXTOS**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito final para  
obtenção do título de Bacharel em  
Teologia da Faculdade Teológica Batista  
de São Paulo.

Orientador: Prof. Esp. Victor de Lima Viana

SÃO PAULO

2025

Silva, Eduardo Felipe S. Dezembro da  
A natureza missional da igreja: um povo, um propósito,  
múltiplos contextos. / Eduardo Felipe S. Dezembro da Silva. –  
São Paulo: 2025.  
62 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Teologia) -  
Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

Orientador: Prof. Esp. Victor de Lima Viana

1. Missio Dei. 2. Igreja missional. 3. Hermenêutica missional.  
4. Secularismo. 5. Engajamento. I. Título. II. Viana, Victor de  
Lima.

CDD 266.01

**FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO**

Eduardo Felipe Santana Dezebrom da Silva

**A NATUREZA MISSIONAL DA IGREJA: UM POVO, UM PROPÓSITO,  
MÚLTIPLOS CONTEXTOS**

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Esp. Victor de Lima Viana – Orientador

---

Leitor

SÃO PAULO

2025

## DEDICATÓRIA

A Cristo, Deus missionário que me resgatou; a minha amada esposa Inayê, que aceitou viver a missão de Deus ao meu lado; a meus pais, que me apoiaram e investiram nessa jornada.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço acima de tudo a Deus, pela graça concedida nesse período de estudos e serviço à igreja Dele onde aprendi teoria e prática da Sua Palavra.

Agradeço a minha esposa e aos meus pais pelo apoio, paciência e incentivo em todo o tempo.

Agradeço aos professores pelos ensinamentos tão ricos e pela fidelidade a Bíblia durante toda a graduação.

Agradeço aos meus irmãos em Cristo Jonatas Rocha e Paulo Santos que caminharam ao meu lado nos estudos.

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso analisa a natureza missional da igreja através da pesquisa bibliográfica, correlacionando Teologia Sistemática, Teologia da Missão, Hermenêutica Missional e a Bíblia, buscando compreender como esses materiais articulam a essência e a vocação eclesial. O trabalho demonstra que a igreja é essencialmente continuidade capacitada pela habitação do Espírito Santo de um mesmo povo de Deus que se iniciou desde o Antigo Testamento, para um mesmo propósito que perpassa as Escrituras: reunir as nações diante do Cristo. Nesse chamado, ela vive a vocação de ser o evangelho vivo para o mundo em diferentes contextos e a despeito de vários problemas e desafios que as comunidades cristãs enfrentam no presente século, como: secularismo, relações pós-pandemia, mídias sociais, teologia do coaching e pragmatismo. A pesquisa contribui para a reflexão sobre o engajamento crítico da igreja no mundo e as formas de ser de acordo com o entendimento bíblico de perspectiva missional.

**Palavras-chave:** *Missio Dei*; igreja missional; hermenêutica missional; secularismo; engajamento.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>1 A NATUREZA MISSIONAL DA IGREJA: TEOLOGIA, MISSÃO E HERMENÊUTICA</b> .....	<b>13</b>
1.1 A Teologia Sistemática e sua abordagem sobre a natureza da igreja .....	13
1.2 A Teologia da Missão: o estudo da <i>Missio Dei</i> .....	15
1.3 A hermenêutica missional .....	19
1.4 A natureza missional da igreja .....	23
<b>2 A MISSÃO E O POVO DE DEUS: MISSIONALIDADE AO LONGO DA BÍBLIA</b> ..	<b>28</b>
2.1 A grande narrativa: a verdadeira história do mundo inteiro.....	28
2.2 A missão do povo de Deus na Bíblia .....	33
<b>3 A IGREJA MISSIONAL HOJE: UM POVO, UM PROPÓSITO, MÚLTIPLOS CONTEXTOS</b> .....	<b>41</b>
3.1 O que é ser uma igreja missional?.....	41
3.2 Problemas e desafios da igreja hoje .....	48
3.3 Enfrentando os desafios da igreja hoje: expressando missionalidade em múltiplos contextos.....	52
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>60</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>62</b>

## INTRODUÇÃO

Nos últimos anos tem-se discutido muito a respeito da natureza da igreja. Isso porque tem se tornado cada vez mais comum o surgimento de novas denominações e expressões de fé cristãs, que se mostram diferentes do que a Bíblia descreveu que a igreja fosse, o que impacta seu testemunho e engajamento social<sup>1</sup>. Nesse sentido, surge uma nova nomenclatura: A igreja missional. Assim, como podemos entender a identidade da igreja fundada por Jesus e edificada por meio dos apóstolos? Tanto a Teologia Sistemática quanto a Teologia da Missão, ainda que com perspectivas diferentes, contribuem para explorar de maneira bíblica, teológica e contextual esse tema, por isso é importante entender também: Como essas disciplinas se relacionam para explorar a natureza da igreja? É nesse sentido que precisamos responder também: O que é uma igreja missional? E assim, procurar entender: é possível separar sua natureza de seu propósito revelado nas Escrituras? Como o entendimento correto sobre a sua vocação pode interferir nas suas expressões de fé e de missionalidade? Como se relacionam o chamado de Deus e a expressão da missão de Deus na sociedade hoje?

A igreja fundada por Jesus e edificada pelos apóstolos, apresenta diversos problemas em sua relação com o mundo<sup>2</sup>. Se por um lado, não estamos mais no primeiro século e a diferença deve acontecer apenas por questões culturais e de engajamento social, por outro, desde a época dos apóstolos as falsas doutrinas e o mundanismo invadem a igreja. As novas expressões de fé cristã parecem conseguir separar natureza e propósito da igreja. Enquanto algumas parecem um hospital, outras parecem um shopping. Isso impacta diretamente o testemunho dela.

O presente trabalho encontra sua importância em fomentar a discussão da natureza da igreja hoje, visto que estamos constantemente sendo edificados como corpo de Cristo. A igreja que começou em Atos 2, continua a crescer, edificar-se e a enfrentar desafios no mundo. Nesse sentido, não podemos deixar de refletir sobre nosso testemunho a esse mundo, já que fomos enviados pelo próprio Jesus à

---

<sup>1</sup> Conferir as obras que discutem o tema da natureza da igreja a partir do surgimento de novas expressões de fé que, segundo os autores, estão em desacordo com a Bíblia: HANSEN, Collin; LEEMAN, Jonathan. **Igreja é essencial: redescobrimo a importância do corpo de Cristo**. Tradução: João Paulo Aragão da Guia Oliveira. São José dos Campos-SP:Fiel, 2021; DEVER, Mark. **Nove Marcas de uma igreja saudável**. Tradução: Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos-SP: Fiel, 2015.

<sup>2</sup> Idem.

proclamação de sua mensagem e, mais do que isso, fomos enviados para ser um povo de contraste e tensão, que vive de maneira diversa e ao mesmo tempo contextual. Pensar sobre o que isso envolve é crucial e quanto mais contribuições, mais podemos entender nosso papel.

Nesse sentido, em uma sociedade que busca propósito e identidade, precisamos ser, com urgência, um povo, com uma identidade definida, com propósito impactante, atraente daqueles que estão se perdendo longe do salvador. Não basta ser igreja, é preciso pensar sobre as implicações que nossa atitude no mundo terá, especialmente nos dias de hoje.

Minha hipótese é que pensar sobre o que a missão de Deus envolve é crucial para entendermos como ser igreja de fato, como era a essência da igreja primitiva. Quanto mais contribuições houver, mais podemos entender nosso papel também hoje. Além disso, organizar uma pesquisa que busca a natureza da igreja da perspectiva missiológica, coopera para entendermos nossa própria natureza como participantes do plano de Deus, pois somos criados de novo em Jesus para uma nova forma de existir como indivíduos e coletivamente na sociedade em que nascemos. Pertencer a um povo significa carregar em si uma esfera de responsabilidade, missão e contribuição. É a junção de estudo hermenêutico, bíblico e contextual que nos capacita a entender a natureza da igreja.

A pesquisa consiste em análise bibliográfica de livros, artigos científicos e da Bíblia, procurando dialogar uma visão batista reformada com outras vertentes, investigando algumas das principais obras a respeito da missão de Deus e de seu povo, a igreja, comparando diferentes pensamentos.

Os objetivos desta pesquisa são: analisar como a Bíblia, a Teologia Sistemática e a Teologia da Missão articulam a natureza da igreja, especialmente sobre sua identidade e papel missional (capítulo 1); mostrar como essa natureza foi expressa ao longo da Bíblia (capítulo 2); explicar o que é e como funciona uma igreja com identidade missional e expressar maneiras de ser missional hoje em diferentes contextos (capítulo 3).

## **1 A NATUREZA MISSIONAL DA IGREJA: TEOLOGIA, MISSÃO E HERMENÊUTICA**

Neste capítulo discorreremos sobre a natureza da igreja a partir da abordagem da Teologia da Missão, que é uma área distinta da Teologia Sistemática. Para isso será necessária uma pequena perspectiva metodológica sobre essas áreas e suas abordagens. Após isso, falaremos da hermenêutica missional e suas implicações. Assim, também discutiremos qual a natureza da igreja a partir da missiologia em diálogo com a Teologia Sistemática.

### **1.1 A Teologia Sistemática e sua abordagem sobre a natureza da igreja**

Nos estudos sobre a igreja, via de regra encontramos abordagens sistemáticas e, incluídos nesse tema, a missão da igreja. Na Teologia Sistemática, aborda-se temas como: natureza da igreja, sua organização, funções, liderança, ordenanças ou sacramentos e seu papel na proclamação do evangelho.

A Teologia Sistemática tem um papel importante pois busca trazer compreensão para a comunidade de fé:

A expressão corrente para definir essa teologia é “fé em busca de compreensão” (Vanhoozer, Stone e Duke et. al., significando que a comunidade de fé busca compreender seu próprio sistema de crenças). Deve-se começar com as visões tradicionais herdadas (a pré-compreensão) da comunidade teológica escolhida (metodista, reformada, anabatista, carismática ou pentecostal). Em seguida, o teólogo mapeia de modo indutivo um assunto particular (como a expiação ou a escatologia) através das Escrituras, determinando quais passagens falam do assunto. [...] Depois, o teólogo traça a mesma questão através da história da igreja, para entender como ela foi desenvolvida. (Osborne, 2009, p. 480).

Nesse estudo a igreja é vista a partir de uma definição geral dentro de uma tradição. Busca-se um compilado de textos das Escrituras, que tenta emoldurar, por exemplo, a natureza da igreja, estabelecendo limites que condensam o pensamento bíblico-histórico de tal tradição. Assim, prossegue-se para um estudo histórico da igreja ao longo do tempo. Posteriormente são definidos os atributos da igreja. Dentre esses atributos, encontra-se a missão.

É o que vemos em Allison, que faz uso dessa metodologia. Desde o início de sua obra ele deixa claro sua posição Batista, contrapondo-se ao presbiterianismo, elegendo o que é uma igreja verdadeira e o que não pode ser, com o limite criado pela

definição. Parte do princípio de descontinuidade moderada<sup>3</sup> entre os testamentos e a normatividade de Atos dos Apóstolos. Sua abordagem é ontológica, não teleológica ou funcional, enquadrando essas outras abordagens no escopo de sua pesquisa (Allison, 2021, p. 39-56). A partir disso, o autor elenca os atributos que caracterizam uma igreja verdadeira como sendo: doxológica, logocêntrica, pneumodinâmica, factual, confessional, missional e espaçotemporal/escatológica (Allison, 2021, p. 30).

Assim também faz Sproul em “O que é a igreja?”. Nesse caso, um autor presbiteriano. Ao longo dos capítulos ele parte de textos-prova para ressaltar a natureza da igreja como: Una, santa, universal, fundamentada nos apóstolos e no último capítulo aborda a perspectiva reformada: onde o verdadeiro evangelho é pregado, onde os sacramentos são administrados corretamente e onde ocorre disciplina de seu povo. Também se trata de uma abordagem ontológica (Sproul, 2014). Fica clara a metodologia básica: um pressuposto tradicional baseado na análise de textos bíblicos, discussão com base na história da igreja e uma lista de atributos, os quais inclui a missão.

Em Ferreira & Myatt, o procedimento é semelhante. Os autores partem de pressuposições teológico-filosóficas. Depois, declarações de diversas religiões a respeito da igreja, passando pela história cristã, discutindo como o cristianismo entendeu a igreja e um mapeamento de textos do Antigo e Novo Testamento. Após isso, trazem uma definição da perspectiva batista reformada. Momento em que também descrevem a igreja verdadeira contendo oito marcas: una, santa, católica, apostólica, onde o evangelho é pregado fielmente, onde os sacramentos são administrados corretamente, onde se exerce a disciplina e a missão. Sendo que esta última marca é: “sua responsabilidade de levar as boas novas de Jesus aos confins da terra” e: “o propósito da missão é a salvação de pecadores” (Ferreira & Myatt, 2007 p. 970). Ainda esses autores trazem uma defesa da fé ao final do capítulo sobre a igreja, defendendo não só a fé genuinamente cristã, como também aplicando os conceitos que foram sistematizados ao longo do capítulo. Partem de uma abordagem funcional, depois ontológica e retornam a funcional.

---

<sup>3</sup> Allison tem uma visão equilibrada a respeito da continuidade entre os testamentos: “Uma vez que Deus revelou a si mesmo e sua verdade por meio do Antigo Testamento, todos os seus aspectos continuam a ser verdadeiros e, portanto, aplicam-se aos cristãos, a menos que sejam revogados ou modificados explícita ou implicitamente por Cristo e pelo Novo Testamento” (Allison, 2021, p. 41). Assim, quando diz que a igreja é factual, ele refere-se aos elementos de continuidade que dizem respeito ao tipo de relacionamento que Deus estabelece com seu povo: a Aliança, deixando claro que agora se trata de uma Nova Aliança (Allison, 2021, p. 131).

Percebe-se que a missão não está no centro dessa abordagem, antes é tida como parte dos atributos ou marcas da igreja verdadeira e, muitas vezes, delimitada à proclamação do evangelho às pessoas de todo o mundo. Assim, temos uma diferença de abordagem em relação a Teologia da Missão.

## 1.2 A Teologia da Missão: o estudo da *Missio Dei*

Goheen propõe uma eclesiologia com um viés diferente, complementar às abordagens anteriores. Sobre o tema, ele diz:

Historicamente, o estudo da igreja com frequência se ocupou com assuntos como estrutura institucional, sacramentos, ministério e disciplina da igreja. Esses elementos são importantes. Contudo, a eclesiologia trata primeiramente de identidade e autocompreensão, e somente depois de ter elucidado essas preocupações a igreja deveria considerar o que deve fazer e como deve se organizar para cumprir esse chamado. (Goheen, 2014, p. 22).

Percebe-se que Goheen, em um primeiro momento, concorda com as abordagens de Allison, Sproul e Ferreira & Myatt, porém, ele diz mais a frente, citando Wilbert Shenk:

A Bíblia não oferece uma definição da igreja nem nos proporciona uma base doutrinária para compreendê-la. Em vez disso, a Bíblia se baseia em imagens e narrativas para revelar o significado da igreja. [...] A igreja encontra sua identidade desempenhando um papel em alguma história. (Goheen, 2014, p. 22-23).

Assim, apesar dos autores concordarem que o estudo da igreja deve partir das Escrituras para definir uma natureza da igreja e, posteriormente discorrer sobre sua missão, Goheen afirma que a Bíblia não sistematiza essa natureza, ao contrário, propõe que é a partir de um papel dentro da história bíblica que conhecemos a natureza da igreja, que é antes de tudo funcional e teleológica. É uma abordagem mais holística do que doutrinária. Antes, Goheen propõe estudar a natureza da igreja por meio de uma estrutura basilar mais ampla, a história do mundo inteiro que tem seu ápice em Cristo. Toda comunidade humana tem uma história que molda sua identidade e, com a igreja, a única e verdadeira história do mundo, encontrada na Bíblia, é que deve moldá-la.

Isso não diminui a importância da Teologia Sistemática, porém, fica claro que há formas diferentes de se pensar a respeito da natureza da igreja que se

complementam e cooperam para a discussão da natureza da igreja e sua expressão na atualidade.

A Teologia da Missão, que trata do estudo da missão de Deus (*Missio Dei*) e sua relação com a igreja, tem uma perspectiva diferente. Ela se desenvolve com mais profundidade no século XX, especialmente com as mudanças de paradigmas missionários desse período. O termo *Missio Dei* foi inicialmente cunhado pelo missiólogo alemão Karl Hartenstein (1894-1952) para tentar resumir o que o teólogo Karl Barth (1886-1968) ensinou sobre a missão.

Inicialmente se pensava em missão a partir de uma ordenança bíblica de levar uma cultura cristã aos povos, muito semelhante ao que se propõe pela abordagem sistemática dessa época. Karl Barth foi quem aprofundou um pouco esse entendimento ao descrever a missão como obra trinitária que expressa o poder de Deus sobre a história e requer nossa obediência. Vemos isso também, especialmente nos estudos de Gustav Werneck (1834 - 1910), pai da missiologia protestante, que entendia a missão com fundamentação sobrenatural e natural, como explica David Bosch:

No tocante ao primeiro, ele identificou dois elementos: a missão está fundamentada nas Escrituras (particularmente na Grande Comissão Mateus 28:18-20) e na natureza monoteísta da fé cristã. Igualmente importantes são as bases “naturais” para a missão: a) o caráter absoluto e a superioridade da religião cristã em comparação com outras; b) a aceitabilidade e adaptabilidade do cristianismo para todos os povos e condições; c) as realizações superiores da missão cristã nos “campos de missão”; e d) o fato de que o cristianismo tem mostrado, no passado e no presente, ser mais forte do que todas as outras religiões. (Bosch, 2002, p. 21).

Nesse sentido, a missão ainda era entendida como a proclamação de uma forma superior de existência, manifestada pelas Escrituras como ordenança à implantação do cristianismo no mundo. De fato, esse era o paradigma dominante em seu tempo.

É notável o fato da missão ser percebida inicialmente como uma ação de Deus, associado a Doutrina da Trindade ou a eclesiologia e, mesmo assim, distanciada da própria natureza do povo de Deus em relação a uma história. David Bosch nos diz:

Até o século 16 o termo era usado exclusivamente com referência à doutrina da Trindade, isto é, ao envio do Filho pelo Pai e do Espírito Santo pelo Pai e pelo Filho. Os Jesuítas foram os primeiros a usá-lo em termos da difusão da fé cristã entre pessoas (incluindo protestantes) que não eram membros da igreja Católica (Bosch, 2002, p. 17).

Após isso, argumenta Bosch, até a década de 50, falar sobre missão poderia denotar diversos sentidos, muitas vezes ambíguos, que procuravam expressar o que nós como povo de Deus deveríamos fazer enquanto igreja, alguns dos sentidos de missão eram:

a) O envio de missionários a um território específico; b) as atividades empreendidas por tais missionários; c) a área geográfica em que os missionários atuavam; d) a agência que expedia os missionários; e) o mundo não-cristão ou “campo de missão; f) o centro a partir do qual os missionários operavam no “campo de missão” [...] g) uma congregação local sem um pastor residente e que ainda dependia do apoio de uma igreja mais antiga, estabelecida; ou h) uma série de serviços especiais destinados a aprofundar ou difundir a fé cristã, em geral num ambiente nominalmente cristão. Se tentarmos elaborar uma sinopse mais especificamente teológica de “missão” assim como o termo tem sido usado tradicionalmente, observamos que ela foi parafraseada como a) a propagação da fé; b) expansão do reinado de Deus; c) conversão dos pagãos; e d) fundação de novas igrejas. (Bosch, 2002, p. 17).

Percebe-se até esse ponto que a missão de Deus estava associada de maneiras bem distintas com o papel da igreja e a maneira de Deus agir no mundo. A Teologia da Missão então, toma contornos mais expressivos, de fato, quando o paradigma muda. Isso se deu especialmente na 5ª Conferência Mundial de Missão em Willingen, Alemanha (1952) em que o entendimento da *Missio Dei* tomou contornos mais abrangentes, destacando seu teocentrismo em movimento no mundo, incluindo agora a igreja como um instrumento do Deus trino para uma obra evangelística mais densa.

George Friedrich Vicedom (1903-1974), missiólogo alemão, foi um dos maiores responsáveis por difundir essa ideia no século XX, segundo David Bosch. A partir da compreensão da *Missio Dei* como obra Trinitária ele desenvolve como o senhorio de Deus se manifesta na igreja e através dela. Vicedom define a natureza da igreja através de seu papel na missão de Deus.

*Missio Dei* significa, antes de mais nada, que a missão é obra de Deus. Ele é o senhor, o doador da tarefa, o proprietário, o executante. Ele é o sujeito da missão. Se atribuirmos a missão desse modo a Deus, ela estará isenta de todo arbítrio humano. (Vicedom, 1996, p. 16).

Em relação à igreja, Vicedom diz:

Somente se a igreja cumpre, em obediência, a intenção missionária dele, ela pode também falar de sua missão, porque esta então está acolhida na *missio Dei*. [...] “não há participação em Cristo sem participação em sua missão ao mundo”. Portanto, não cabe à igreja decidir se ela quer fazer missão, mas ela só pode decidir se quer ser igreja. (Vicedom, 1996, p. 16).

Wright explica: “Quando falo de missão, estou pensando em tudo o que Deus está fazendo em seu grande propósito para toda a criação e em tudo o que ele nos chama a fazermos para cooperar com esse propósito.” (Wright, 2012, p. 32).

O autor explora um problema da metodologia usada na Teologia Sistemática para falar sobre a missão. A partir de uma experiência pessoal ele diz:

Eu estava lecionando um módulo chamado “a base bíblica da missão” no All Nations Christian College – um centro internacional de treinamento missionário e pós-graduação no sudoeste da Inglaterra. O próprio título do módulo inclui a pressuposição do que estou falando. Missão é o substantivo, a premissa concreta. É algo que nós fazemos, e basicamente sabemos o que é. Bíblica é o adjetivo, usado para justificar o que já sabemos que deveríamos estar fazendo. A razão de sabermos que deveríamos fazer missão – o fundamento ou a base com que a justificamos – precisa ser encontrada na Bíblia. Como cristãos, necessitamos de uma base bíblica para tudo o que fazemos. Qual é “a base bíblica da missão”? Arrole os versículos. Acrescente algumas passagens nunca usadas por outro autor. Correlacione os textos de modo teologicamente perspicaz. Acrescente uma pitada de fervor emocional. [...] Eu queria que eles vissem que a Bíblia não só contém vários textos que fornecem uma base para a atividade missionária, mas que a própria Bíblia como um todo é um fenômeno “missional” (Wright, 2014, p. 25).

Wright vê a *Missio Dei* como a essência da própria Bíblia, não a Bíblia contendo a base para a missão. Nessa perspectiva, Jesus é o ponto central de toda a relação de Deus em missão com o mundo. A Teologia da Missão toma rumos diferentes para explorar a relação da igreja com a missão de Deus no mundo e assim, compreende a igreja de forma abrangente, na perspectiva funcional e teleológica.

A Bíblia apresenta a história da missão de Deus, por meio do povo de Deus, no envolvimento deste com o mundo de Deus e em prol de toda a criação de Deus. A Bíblia é o enredo desse Deus comprometido com a missão de alcançar esse propósito universalmente, incluindo passado, presente e o futuro, Israel e as nações, “a vida o universo e tudo o que há”, com o centro, foco, ápice e consumação de tudo isso em Jesus Cristo. A missão, portanto, não se resume a um item em uma lista de coisas que a Bíblia menciona por acaso, algumas com mais urgência do que outras. A missão, na verdade, é a essência da Bíblia. (Wright, 2014, p.26).

É interessante notar que a missão é um tema que une toda a Bíblia. Nos estudos missiológicos é essencial esse entendimento.

Outra contribuição nesse sentido está em Marshall, que fala sobre o Novo Testamento e Missão em sua introdução metodológica:

Existe algo mais que une, além do fato de que são documentos pertencentes ao mesmo período? A resposta mais evidente é que todos esses escritos dizem respeito a Jesus e à repercussão de sua atuação. [...] Talvez seja mais proveitoso reconhecê-los como sendo especificamente os documentos de

uma missão. A questão principal aqui não é Jesus ou Deus em si, mas sim Jesus em seu papel de Senhor e Salvador. Logo, a teologia do Novo Testamento é em essência uma teologia missionária (Marshall, 2007, p. 31).

Para Marshall, a formação de todo o Novo Testamento é resultado de uma missão em duas fases: a de Jesus, que foi enviado por Deus para a inauguração de seu reino, para abençoar-nos e para chamarmos a Ele. E a segunda parte seria a continuidade desse trabalho através de seus seguidores. É dessa forma que se unem a missão de Deus e da igreja em sua perspectiva.

Em essência, o Novo Testamento consiste em uma coleção de livros que comunicam o evangelho que foi proclamado pela missão cristã. Assim, David Wenham sugere que “a teologia do Novo Testamento tem tudo a ver com a missão de Deus no mundo” [...] O reconhecimento da orientação missionária do Novo Testamento nos alertará para uma faceta mais dinâmica da igreja, que a vê como agente da missão, e não como algo estático, parado, visão que muitas vezes nós acalentamos [...] O Novo Testamento trata, sobretudo, acerca da missão de Deus e da mensagem a ela associada (Marshall, 2007, p. 32-33).

Wright pontua a respeito da missiologia bíblica:

A missiologia bíblica (assim como as teologias sistemática e bíblica) se deleita em explorar os grandes temas indicativos e as tradições da fé bíblica em toda a sua complexidade e notável coerência, mas ela também reconhece, que, se toda essa teologia indicativa denota a realidade, então ela contém um enorme imperativo missional para aqueles que adotam a cosmovisão das Escrituras (Wright, 2014, p. 85).

Como o autor deixa claro, indicativos bíblicos que denotam a realidade são imperativos àqueles que desejam seguir a Bíblia. As Escrituras como um todo são, portanto, a base para a Missão, não apenas os textos que contém imperativos.

### **1.3 A hermenêutica missional**

Nesse ponto, vale notar que a Teologia da Missão não só tem aproximações com a Teologia Sistemática e Bíblica, mas também apresenta uma base hermenêutica alternativa.

Uma hermenêutica é “interessada”. Ela interpreta a Bíblia e desenvolve uma hermenêutica bíblica tendo em vista o interesse daqueles que comprometem a própria história de vida com a história bíblica do propósito de Deus para as nações. Mas o faz com a convicção ainda maior de que este compromisso deve ser a postura padrão de toda a igreja, porque, segundo essa interpretação das Escrituras, uma igreja governada pela Bíblia não pode se esquivar do foco missional do Deus e do evangelho que se revela. (Wright, 2014, p. 57).

Wright constrói seu pensamento com base nessa premissa. Na primeira parte desta obra ele explora a hermenêutica missional, que está em conformidade com o que o próprio Jesus apresenta como referência. No caminho de Emaús (Lucas 24:13-49) temos a chave para essa compreensão. Nos versículos 44 a 48 encontramos o seguinte:

Jesus disse: foi isto que eu falei enquanto ainda estava com vocês: era necessário que se cumprisse tudo o que a meu respeito está escrito na lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos. Então, abriu-lhes o entendimento para que pudessem compreender as Escrituras. Ele lhes disse: está escrito que o Cristo haveria de sofrer e ressuscitar dentre os mortos no terceiro dia e que em seu nome seria pregado o arrependimento para perdão de pecados a todas as nações, começando por Jerusalém. Vocês são testemunhas destas coisas. (Nova Versão Internacional, 2023).

Wright afirma, com base nesses versículos, que Lucas não descreve Jesus citando um versículo específico do Antigo Testamento, mas mostrando que a missão é o que está escrito:

Ele parece afirmar que a totalidade das Escrituras (que conhecemos como Antigo Testamento) encontra seu foco e cumprimento tanto na vida, morte e ressurreição do Messias de Israel como na missão a todas as nações, que flui desse evento. (Wright, 2014, p. 38).

Foi a partir dessas palavras que Jesus abriu o entendimento dos discípulos para entenderem as Escrituras. Como diz Wright: “A maneira correta de os discípulos do Jesus crucificado e ressurreto lerem as Escrituras é messiânica e missional.” (Wright, 2014, p. 38-39).

O autor também apresenta a leitura que Paulo faz do Antigo Testamento tendo em vista essa dupla leitura. Em Atos 26:22-23 o apóstolo afirma que está comprometido com o ensino de Moisés e dos profetas ao afirmar sobre a ressurreição de Jesus e da missão do seu povo.

É comum que no meio cristão, façamos uma leitura cristocêntrica do Antigo Testamento, buscando observar como Cristo é apresentado desde Gênesis. Porém, a missão está atrelada ao messias “que incorporaria na própria pessoa a identidade e a missão de Israel, como seu representante, Rei, Líder e Salvador” (Wright, 2014, p. 39). A missão de Deus é trazer salvação e benção a todas as nações, mas somente por meio do messias ela foi levada a consumação.

Como Explica Wright (2014, p. 45-46), no passado, Willian Carey (1761-1834), baseou a missão em apenas um versículo bíblico: Mateus 28:18-20. Em sua época foi

de grande importância a defesa da missão em uma igreja que duvidava que a pregação evangelística fosse para todo o povo e não a vocação de alguns. Porém, ao lermos esse versículo no original, percebemos que a ordem de Jesus não foi ir e sim fazer discípulos. Não há uma ordem para ir nesse texto, o envio encontra-se em contextos mais amplos, como no livro de Atos ou mesmo nas orientações paulinas para uma nova vida. Assim, vemos a fragilidade do método de selecionar versículos para dar base para determinada atividade, o que ainda pode acontecer em nosso tempo em algumas comunidades de fé que rejeitam tanto a Teologia Sistemática quanto a *Missio Dei*. Assim já nos alertou Osborne:

A falácia básica de nossa geração evangélica é a do “texto-prova”, processo pelo qual uma pessoa “prova” uma determinada doutrina ou prática simplesmente se referindo a um texto sem observar seu significado original inspirado. Muitos programas de memorização de versículos, apesar do valor intrínseco, praticamente incentivam as pessoas a desprezarem o contexto e o significado de uma passagem, aplicando-a superficialmente às necessidades imediatas. (Osborne, 2009, p. 27-28).

Na perspectiva hermenêutica, temos cuidados básicos para a correta interpretação das Escrituras. Para Osborne, hermenêutica é ciência, arte e um “ato de caráter espiritual realizado na dependência da direção do Espírito Santo” (Osborne, 2009, p. 26). Assim, todo o cuidado é necessário quando se faz uma hermenêutica que se intitula missional. Envolve ciência porque tem regras definidas. É arte, porque exige imaginação dos cenários bíblicos. Também é um ato espiritual, pois a Bíblia é o livro revelado pelo próprio Deus e tem caráter sagrado.

O que a hermenêutica missional busca é a essência da própria Bíblia, através de avaliar se nossa atividade como cristãos é bíblica, ou seja, se está em conformidade com o que Deus está fazendo no mundo, sempre em relação com o que Ele revelou nas Escrituras e espera ver em seu povo.

Isso implica, ainda segundo Wright, em um reconhecimento da: “multiplicidade de perspectivas e contextos a partir dos quais as pessoas leem os textos bíblicos” (Wright, 2014, p. 51). Isso é visto na forma como o próprio Novo Testamento foi construído ao longo dos anos. Foi o caráter multicultural que concorreu na interpretação do Antigo Testamento para que a igreja fosse luz entre os gentios, como podemos ler em Atos 15:1-21. Nessa passagem, a conversão dos gentios trouxe uma reflexão sobre a interpretação correta da profecia de Amós, a restauração da “tenda caída de Davi” era a inclusão dos gentios. O viver missional dos discípulos os levou a

essa leitura contextual, na direção dada pelo Espírito Santo. Poderíamos exemplificar isso também, observando o texto de Atos 6:1-7. Foi das necessidades surgidas do encontro étnico que nasceu o ministério dos diáconos. Porém, vale ressaltar, não é qualquer leitura interpretativa que é válida, pois se fosse assim, cairíamos no relativismo, como salienta Wright. Osborne também observa:

O objetivo da hermenêutica evangélica é bem simples: descobrir a intenção do Autor/autor (autor = agente humano inspirado; Autor = Deus, que inspira o texto). Críticos modernos negam cada vez mais a verdadeira possibilidade de descobrir o significado original pretendido de um texto. (Osborne, 2009, p. 29).

Assim, a hermenêutica missional conta com as ferramentas da Interpretação Histórico-Gramatical como também reconhece a importância cultural e contextual bíblica na interpretação de texto ontem e hoje.

A hermenêutica é importante porque capacita a pessoa a se movimentar do texto para o contexto, para que o significado inspirado por Deus na Bíblia fale hoje com uma relevância tão nova e dinâmica quanto em seu ambiente original (Osborne, 2009, p. 27).

O ponto principal é que há diversidades interpretativas possíveis que enriquecem o debate, porém, há também um cerne inegociável, que é o evangelho. Wright vai além, dizendo que não apenas o evangelho é esse cerne que dá coerência, mas é: “história que conduz para Cristo (leitura messiânica) e da história que prossegue a partir de Cristo (leitura missional)” (Wright, 2014, p. 55).

O que temos a oferecer, é uma hermenêutica missional da Bíblia. A Bíblia chegou lá antes de qualquer pessoa que tivesse sonhado com o pós-modernismo – a Bíblia que se gloria na diversidade e celebra múltiplas culturas humanas. A Bíblia que constrói suas afirmações teológicas mais elevadas sobre acontecimentos completamente específicos e às vezes bastante locais, a Bíblia que vê todas as coisas em termos relacionais, não abstratos, e a Bíblia que faz a maior parte do seu trabalho por meio de histórias. Todos estes aspectos da Bíblia – cultural, local, relacional e narrativo – são bem aceitos pela mente pós-moderna. Mas a hermenêutica missional se separa do pós modernismo radical ao insistir que, por meio de toda essa variedade, localidade, particularidade e diversidade, a Bíblia continua realmente sendo a história. É assim que as coisas são. Essa é a grande narrativa que constitui a verdade para todos. E nessa história, como a Bíblia narra ou prevê, opera o Deus cuja missão é manifesta desde a criação até a nova criação. Essa é a história da missão de Deus. (Wright, 2014, p. 61-62).

Para Wright, 2014, p. 66-99, a hermenêutica missional se desenvolve sobre algumas bases que o autor procura discorrer ao longo do texto, que em resumo são:

1. A Bíblia como resultado da missão de Deus: conforme vimos, o próprio Novo Testamento é escrito por causa e através da missão do povo de Deus;
2. Autoridade bíblica sobre a missão da igreja: ou seja, a autorização para fazer missão dentro dos limites e liberdades bíblicas;
3. Indicativos e imperativos bíblicos na missão: o fato de imperativos bíblicos estarem fundamentados em indicativos bíblicos, como acontece no primeiro mandamento do decálogo em Êxodo 20:2: “Eu sou o SENHOR, o seu Deus, que o tirou do Egito, da terra da escravidão”, o indicativo da graça precede e dá base e autoridade ao imperativo que vem a seguir.
4. A cosmovisão teocêntrica da Bíblia, que exprime a missão como uma realização de Deus e não da igreja em si.
5. Um mapa hermenêutico, em que o autor explica que qualquer sistema hermenêutico está sujeito a falhas.

A partir dessas bases, Wright descreve a tarefa da hermenêutica missional da seguinte forma:

Uma hermenêutica missional significa empenhar-se para ler qualquer passagem da Bíblia à luz:

- do propósito de Deus para toda a sua criação, incluindo a redenção da humanidade e a criação de novos céus e de nova terra;
- do propósito de Deus para a vida humana como um todo no planeta, e de tudo o que a Bíblia ensina sobre cultura, relacionamentos, ética e comportamento humanos;
- da eleição histórica de Israel por parte de Deus, da sua identidade e papel em relação às nações e das exigências divinas quanto à adoração, à ética social e ao sistema de valores total de Israel;
- da centralidade de Jesus de Nazaré, da sua identidade messiânica e missão em relação a Israel e às nações, e da sua cruz e ressurreição;
- do chamado de Deus à igreja – a comunidade de judeus e gentios cristãos que constituem o povo maior da aliança de Abraão – para ser o agente da benção de Deus às nações, em nome do Senhor Jesus Cristo e para a sua glória. (Wright, 2014, p. 95).

Assim, a partir da Teologia da Missão, que está enraizada na *Missio Dei* trinitária, encontramos ferramentas hermenêuticas que a formaram. É desse escopo que podemos entender a natureza da igreja.

#### 1.4 A natureza missional da igreja

Uma teologia missional, está baseada em pressupostos hermenêuticos missionais. Estes são capazes de nos levar a um olhar missional da igreja. Como afirma Wright:

Como já se disse primorosamente, não é que Deus tenha sim uma missão para a sua igreja no mundo, mas que Deus tenha uma igreja para a sua missão no mundo. A missão não foi criada para a igreja; a igreja foi criada para a missão – a missão de Deus. (Wright, 2014, p. 87).

Keller aproxima-se de Wright, concordando com os estudos de David Bosch: “Deus já está realizando a missão, e a igreja precisa se juntar a ele. Isso, portanto, também significa que não basta a igreja apenas criar um departamento de missões; ela deve existir para ser totalmente uma missão.” (Keller, 2014, p. 297).

Seguindo Keller, vamos analisar como surge esse entendimento da natureza da igreja como missional. Para isso, o autor nos remete a história do missionário britânico Lesslie Newbigin (1909-1998), que passou várias décadas na Índia financiado pelas igrejas de seu país. Em sua experiência na Índia, segundo Keller, as igrejas fundadas tinham uma perspectiva diferente do tradicional:

As igrejas da Índia não apenas sustentavam missões ou até mesmo faziam missões – elas eram missionais em todos os aspectos. Não podiam simplesmente arrolar as pessoas cristianizadas como faziam as igrejas do Ocidente. Em vez disso, cada aspecto da vida da igreja – adoração, pregação, vida comunitária e discipulado – tinha de ser uma forma de missão. (Keller, 2014, p. 299).

Enquanto o entendimento comum de igreja era cristianizar pessoas para uma reunião conservadora e focada nas disciplinas espirituais privadas, como oração e leitura da palavra, a igreja na Índia estava preocupada em: “preparar os crentes para responder a muitas perguntas hostis feitas por seus vizinhos” (Keller, 2014, p. 299), sendo cada discípulo preparado para a tensão da vida social. Não se trata de um formato de igreja, mas de uma perspectiva eclesial que vem da nossa identificação com a missão de Deus em nosso tempo.

Newbigin acreditava que a igreja no Ocidente precisava se repensar para se tornar uma missão, tal qual na Índia, pois a sociedade agora não era mais tão conservadora e cristianizada quanto antes. O problema é que a igreja se via em um grande cativeiro, rodeada por uma comunidade pagã, idólatra e ancorada nos ideais iluministas. O compromisso com a razão humana agora era o deus que governava a

vida comum e a igreja se via fechada em tribos, com uma mensagem estranha, quase incompreensível.

Newbigin afirmou que era essencial à missão da igreja do Ocidente desmascarar esse falso deus, ao mostrar a nulidade do “projeto do iluminismo”: um esforço infrutífero por encontrar consenso na moral, no certo e no errado, na justiça e no desenvolvimento humano com base na razão secular. (Keller, 2014, p. 300).

Para Newbigin, a igreja deveria ser pensada através das lentes da redenção e da justiça social, sendo o canal da missão de Deus no mundo, sendo uma comunidade de contraponto. Dessa forma, ele se afasta daqueles que pensaram em igreja missional por um viés político marxista:

O assunto (praticamente) vital é a centralidade de Jesus e de sua obra reconciliatória na cruz – essa obra pela qual ele conquistou o senhorio sobre a igreja e o mundo [...] Uma das tarefas mais urgentes para o futuro imediato é redescobrir a doutrina da redenção que enxerga a cruz não como a bandeira do oprimido contra o opressor, mas como a ação de Deus que traz tanto juízo quanto redenção para todos os que a aceitarem, sem subverter a luta correta pela quantidade de justiça que é possível em um mundo de seres humanos pecadores (Newbigin *apud* Keller, 2014, p. 301).

Como argumenta Keller, o cativo cultural da igreja é visto através do quanto ela foi moldada pelo espírito da atualidade. Na sua forma liberal, a igreja aceitou acriticamente o discurso secular anti-sobrenatural das coisas, abraçando um racionalismo intenso, transformando a igreja em centros sociais ativistas. Na forma conservadora, também de forma acrítica, a igreja abraçou o ideal consumista, pensando a igreja como um tipo de *shopping* para preenchimento das necessidades individuais em âmbito espiritual e terapêutico.

Em consequência, principalmente, dos escritos de Newbigin e Bosch, em 1998 o livro “igreja Missional”, editado por Darrel Guder foi publicado, dando popularidade ao termo “missional”.

Em comparação a abordagem sistemática, Allison traz uma compreensão eclesiológica missional que concorda em grande parte com o que foi afirmado até aqui. Como vimos no início, sua abordagem é ontológica e inclui o conceito de missão apenas como parte do que define a igreja. No entanto diz: “A igreja é missional. É o corpo de ministros divinamente chamados e divinamente enviados que proclama o evangelho e faz avançar o reino de Deus” (Allison, 2021, p.151). Para ele, a missionalidade da igreja refere-se a um dos atributos ontológicos de sua identidade. Aponta ao seu chamado, capacitada pelo Espírito para continuar a obra de salvação

que Jesus começou. “Essa natureza missional se expressa de três maneiras: a igreja é expansiva, sensível ao contexto e (potencialmente) católica ou universal” (Allison, 2021, p. 154).

Citando Moltmann, Allison diz: “O aspecto missional é, primeiro, uma questão de identidade e, depois, de função: uma eclesiologia missional enfatiza que a própria existência da igreja foi enviada ao mundo.” (Allison, 2021, p.158). Em segundo lugar, Allison ainda enfatiza que essa identidade missional aponta para uma comunidade que é enviada, não apenas indivíduos. Em terceiro lugar diz: “o caráter missional significa que a igreja deve reconhecer sua responsabilidade de ser uma realidade contracultural em meio a seu contexto e desafiá-lo.” (Allison, 2021, p.159). Mais do que isso: “A igreja é o corpo missional comissionado por seu Cabeça, Jesus Cristo, com a mesma comissão que ele recebeu do Pai. A igreja missional é identificada pela *missio Dei* e se engaja nela” (Allison, 2021, p.159). Dessa forma, o autor difere por não entender a missão como o fundamento do qual emergem os demais atributos, antes, ser missional é parte da compreensão maior do que é a igreja em essência. Para Allison: “A igreja é o povo de Deus salvo por meio do arrependimento e da fé em Jesus Cristo e que foi incorporado a seu corpo por meio do batismo com o Espírito Santo” (Allison, 2021, p. 28).

Goheen argumenta e esclarece sobre como se dá a relação entre a missão de Deus e a identidade da igreja:

Missão é participar da história da missão de Deus. O papel que o povo de Deus deve desempenhar nessa história dá-lhe sua identidade missional. Portanto, a Igreja é missional por natureza, e sua missão como um todo nasce dessa identidade. (Goheen, 2019, p. 6).

Mais à frente o autor vai deixar ainda mais evidente essa relação, destacando a abrangência da ação da igreja no mundo: “A igreja é enviada por Deus a toda área habitada do mundo para manifestar de modo visível e dar a conhecer as boas-novas. A missão define a identidade e ser da igreja. A igreja é missional e a missão, eclesialística (Goheen, 2019, p. 99).

Seguindo Berkhof, Goheen argumenta em favor de um caráter triplo da igreja:

Primeiro, a Igreja é uma instituição, uma totalidade de estruturas e atividades; em seguida, é uma comunidade, uma totalidade de relações pessoais que compartilham a salvação de maneira coletiva; e, por fim, é uma totalidade de influências no mundo como sal e fermento. (Goheen, 2019, p. 101).

Dessa forma, Goheen aproxima-se também de uma eclesiologia ontológica, porém, destaca a missão da igreja em sentido funcional e teleológica por entender que é fundamentalmente da missão de Deus que a igreja mantém esses três aspectos. (Goheen, 2019, p. 102-103).

Assim, numa perspectiva missiológica, “missional” não é um termo que define um modelo ou uma nova estrutura de igreja. A igreja missional, antes, é a comunidade de crentes que reflete o compromisso de fazer parte da história verdadeira do mundo narrada pela Bíblia como um todo. Ser missional independe da estrutura ou de uma confessionalidade específica. Antes, sem desprezar as doutrinas fundamentais da Bíblia, é uma igreja enraizada no evangelho, na *Missio Dei* e no amor pelos perdidos, sendo reflexo do poder do Espírito Santo para a restauração da criação, procurando resgatar a essência da comunidade criada por Jesus e os apóstolos. Ser igreja missional é voltar ao *telos* e à funcionalidade que definiu a igreja iniciada por Cristo nos evangelhos.

*Uma igreja missional é definida como uma busca constante de estar envolvida com a missão de Deus no mundo. O povo de Deus é visto como enviado em missão enquanto nos modelos tradicionais os enviados são os(as) missionários(as) pagos(as), por vezes chamados de profissionais. Na igreja missional todos se percebem como participantes nesse chamado. A missão é de Deus. A igreja é criada para ser um sinal e instrumento de Deus em favor do mundo. Essa atividade de Deus no mundo diz respeito tanto à restauração das pessoas para com Ele, como das pessoas com outras pessoas e ainda das pessoas com toda a criação (Barro, 2023).*

A descrição de Barro destaca um aspecto de dinamicidade nessa natureza, que busca constantemente envolver-se na missão, não apenas encontrar um método ou estrutura que funcione para o nosso tempo. Mais do que isso, esse esforço constante é desejado por todo crente.

## 2 A MISSÃO E O POVO DE DEUS: MISSIONALIDADE AO LONGO DA BÍBLIA

Este capítulo, em continuidade às definições do primeiro, tratará da forma como se articula a natureza da igreja na Bíblia. Pretendemos explorar como Deus guiou a história da humanidade e o papel do seu povo dentro dessa missão até os dias de hoje.

A questão que precisamos responder agora é: essa identidade é realmente o que a Bíblia mostra? A intenção não é simplesmente encontrar uma base bíblica para a igreja missional, mas procurar entender se os pressupostos hermenêuticos e a metodologia anteriormente vistas verdadeiramente expressam essa natureza missional.

### 2.1 A grande narrativa: a verdadeira história do mundo inteiro

Atos 17:24-31 diz:

24O Deus que fez o mundo e tudo o que nele há é o Senhor dos céus e da terra e não habita em templos feitos por mãos humanas. 25Ele não é servido por mãos humanas, como se necessitasse de algo, porque ele mesmo dá a todos a vida, o fôlego e as demais coisas. 26De um só homem ele fez todos os povos, para que povoassem toda a terra, tendo determinado os tempos anteriormente estabelecidos e as fronteiras de seus territórios. 27Deus fez isso para que os homens o buscassem e talvez, tateando, pudessem encontrá-lo, embora não esteja longe de cada um de nós. 28“Pois nele vivemos, nos movemos e existimos”. Como alguns dos poetas de vocês disseram: “Também somos descendência dele”. 29 Assim, visto que somos descendência de Deus, não devemos pensar que a Divindade é semelhante a uma escultura de ouro, prata ou pedra, feita pela arte e imaginação do homem. 30No passado, Deus não levou em conta essa ignorância, mas agora ordena que todos, em todo lugar, se arrependam. 31Pois estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio do homem que designou. Ele deu provas disso a todos, ressuscitando-o dentre os mortos. (Nova Versão Internacional, 2023).

O Apóstolo Paulo, inspirado pelo Espírito Santo, afirma alguns pontos que destaco:

1. Deus formou o mundo;
2. Deus formou tudo o que há no mundo;
3. Deus é Senhor sobre os céus e sobre a terra;
4. Deus não pode ser contido, nem servido;
5. Deus não necessita de nada;

6. Deus formou toda a humanidade a partir de um homem para que povoassem toda a terra no tempo e espaço determinados por Ele mesmo;
7. Deus deseja ser encontrado por todos os povos da terra;
8. Deus não depende de nós, mas nós vivemos, nos movemos e existimos por meio Dele;
9. Deus ordena que todos, em todo lugar se arrependam por não o adorarem;
10. Deus estabeleceu um tempo para julgar o mundo com justiça;
11. Deus provou que isso tudo irá acontecer porque enviou Seu Filho para morrer e o ressuscitou no terceiro dia.

A partir dessas afirmações de Paulo, percebemos que há uma grande história já escrita para o mundo. O começo, meio e fim, estão revelados pela Bíblia. Deus é o autor e não podemos escapar desse enredo, pois ele envolve toda a criação, em todo lugar e em todos os tempos. Esse texto também deixa claro o evangelho, a boa-nova de que há salvação para aqueles que se arrependerem e se voltarem a Deus por meio de Cristo. Também fica claro a *Missio Dei* por meio da qual Deus está resgatando o ser humano e toda a criação. Assim, a igreja, inevitavelmente se encontra envolvida nesse enredo, através da proclamação da mensagem de arrependimento e restauração, de forma que os que creem sejam salvos do dia do julgamento mundial. É justamente essa proclamação que Paulo está fazendo nessa passagem.

Bartholomew & Goheen asseveram que a Bíblia como um todo: “apresenta a verdadeira história do mundo” (Bartholomew & Goheen, 2025, p. 14). Os autores salientam que a igreja primitiva praticava o catecismo narrativo, apresentando a história bíblica como a verdadeira história da vida de cada pessoa, que deveria moldar seu modo de viver.

O drama das Escrituras conta a história bíblica da redenção como uma narrativa unificada e coerente do propósito contínuo de Deus de restaurar o mundo novamente à bênção criacional que ele sempre pretendeu para o mundo. (Bartholomew & Goheen, 2025, p. 16).

Bartholomew & Goheen seguem argumentando que a Bíblia não é um livro fragmentado, como se fosse uma: “junção aleatória de história, poesia, lições morais e teológicas, promessas confortantes, princípios de orientação e ordens” (Bartholomew & Goheen, 2025, p. 16). Antes, é um todo coerente que se encaixa num enredo único.

Os autores descrevem quatro ênfases importantes para entender esse drama. Em primeiro lugar afirmam: “Narramos essa história como a verdadeira história do mundo inteiro. Essa história é uma cosmovisão, uma metanarrativa, uma interpretação da história cósmica e universal” (Bartholomew & Goheen, 2025, p. 16).

Em segundo lugar dizem os autores:

“enfaticamos o escopo abrangente da obra redentora de Deus na Criação. A história bíblica não avança em direção à destruição do mundo e nosso próprio resgate da criação para o céu. Antes, a história bíblica culmina na ressurreição do corpo como parte da restauração completa de toda a criação à sua bondade original e ao objetivo pretendido. Deus não está nos purificando para nos levar e estar com ele, mas purificando o mundo inteiro para que ele possa vir morar conosco” (Bartholomew & Goheen, 2025, p. 17).

Em terceiro lugar: “A estrutura da história bíblica e da fé cristã é cósmica-comunitária-pessoal” (Bartholomew & Goheen, 2025, p. 17). Ou seja, o crente possui um lugar definido dentro dessa grande narrativa que é ser o meio pelo qual Deus trabalha para seus propósitos com a criação.

Em quarto lugar: “destacamos a centralidade da missão do povo de Deus na história. A Bíblia tem uma direção missional: ela se move de uma nação para todas as nações, de um lugar até os confins da terra” (Bartholomew & Goheen, 2025, p. 18).

Assim, a obra é dividida em seis atos, que procuram contar essa grande história: “como um drama coerente e verdadeiro para subverter a poderosa narrativa que domina a nossa cultura e mantém tantos em cativeiro, inclusive cristãos” (Bartholomew & Goheen, 2025, p. 31). Os atos são os seguintes:

Ato 1. Deus estabelece seu reino: Criação.  
 Ato 2. Rebelião no reino: Queda.  
 Ato 3: O Rei escolhe Israel: redenção iniciada. Cena 1: um povo para o rei  
 Cena 2: uma terra para seu povo.  
 Ato 4: A vinda do Rei: redenção realizada.  
 Ato 5: Propagando a notícia do Rei: a missão da igreja. Cena 1: de Jerusalém até Roma. Cena 2: e a todo o mundo.  
 Ato 6: A volta do Rei: redenção concluída. (Bartholomew & Goheen, 2025, p. 31-32).

Semelhante divisão também é feita por Wright quando afirma que a Bíblia é parecida com um drama de seis atos.

Wright faz um breve resumo de cada um deles. Ato 1: Criação. “o momento em que Deus desceu, por assim dizer, e criou a terra (Gn 1-2)” (Wright, 2018, p. 36). Ato 2: Queda. “Gn 3-11 conta como o pecado e o mal entraram na experiência dos seres humanos” (Wright, 2018, p. 36-37). Ato 3: Promessa. “Em um mundo sob maldição, Deus prometeu benção. A promessa de Deus a Abraão em Gênesis 12 dá início a

todo o restante da história da Bíblia” (Wright, 2018, p. 37). Ato 4: Evangelho. “Encontramos aqui o centro de todo o drama da Bíblia”. Ato 5: Missão. “Depois do evangelho vem Atos, contando como Deus derramou o Espírito Santo no dia de Pentecostes, a fim de dar poder aos discípulos de Jesus para cumprir a missão de testemunhar dele a todas as nações, até os confins da terra”. (Wright, 2018, p. 38). Por fim, Ato 6: Nova criação. “Apocalipse 21-22 (os dois últimos capítulos) relata como Deus purificará e restaurará a criação, transformando-a no lugar onde ele habitará com seu povo redimido de todas as nações”. (Wright, 2018, p. 38-39).

Para Timothy Keller, o evangelho é conectado ao enredo bíblico:

O enredo bíblico nos revela pelo menos quatro coisas:

1. o que Deus quer para nós (Criação);
2. o que nos aconteceu e o que deu errado com o mundo (Queda);
3. o que Deus fez por meio de Jesus Cristo para endireitar as coisas (redenção);
4. em consequência de tudo isso, qual será o fim da história (restauração). (Keller, 2014, p.53).

Voltando a Wright, este salienta a respeito do Ato 5 que: “devemos lembrar que a igreja não começou apenas no Novo Testamento. Se estamos ‘em Cristo’, então fazemos parte do povo de Abraão (Gl 3)” (Wright, 2018, p. 38). Essa premissa também foi advogada por Goheen quando diz:

A igreja não foi fundada ou estabelecida pela primeira vez com Jesus e o Espírito; na verdade, a eclesiologia não se inicia com o Novo Testamento. A igreja é antes, a comunidade da aliança que foi reunida e restaurada para o seu chamado original. A compreensão apropriada da igreja se inicia com Israel - seu papel e identidade, sua relação com as outras nações -, porque a igreja é herdeira de Israel (Goheen, 2014, p.39).

Apesar dessa compreensão de ambos os autores, devemos salientar que em Mateus 16:18 Jesus diz: “E eu digo que você é Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do Hades não poderão vencê-la.” (Nova Versão Internacional, 2023). O verbo *οἰκοδομέω* (*oikodomeo*)<sup>4</sup> que significa edificar, está no futuro do indicativo ativo da língua grega, portanto, a igreja é uma comunidade futura no momento da fala de Jesus<sup>5</sup>. Ela é herdeira das promessas feitas a Israel, inclusive

<sup>4</sup> “*οἰκοδομέω* construir, edificar -1. lit., *eregir, construir [...] reconstruir, reedificar, restaurar* - 2. fig. Mt 16.18; Rm 15.20; Gl 2.18; 1Pe 2.5.” (Gingrich, 1984, p. 144).

<sup>5</sup> Cf. “Igreja: o Evangelho visível” pág. 33-43, de Mark Dever, em que o autor relaciona a palavra hebraica *קהל* (*qahal*) com a palavra grega *ἐκκλησία* (*ekklesia*), ambas significando “assembléia” e relacionadas ao povo chamado por Deus. Porém, Dever reconhece continuidades e descontinuidades entre esses povos, admitindo que há uma íntima relação entre ambos por meio de Cristo e diz, citando Edmund

da Aliança prometida a Israel e Judá (Gn 12 - Gl 3; Jr 31:31-34 - Hb 8:6-13), é a junção de gentios e judeus numa só oliveira (Rm 11:13-24), é o próprio cumprimento de Deus em edificar um povo sobre a mesma tenda (Am 9 - At 15). Vários termos usados para falar de Israel são usados para a igreja como “nação santa” (1Pe 2:9). Assim, existe um único povo de Deus em continuidade ao período da Antiga Aliança, não substituição, nem uma espécie de parênteses histórico. Esse povo se expande após a capacitação dada pelo Espírito Santo através de Cristo. Por isso, podemos falar de um só povo e um só propósito, mas não de uma igreja veterotestamentária. O que nos interessa nessa discussão é percebermos como a igreja adquire sua identidade a partir do plano de Deus que perpassa Israel.

Para Goheen: “os autores do Novo Testamento retratam a igreja não como algum tipo de comunidade novinha em folha estabelecida no Pentecostes, mas como o Israel restaurado e depurado no qual os gentios estão sendo incorporados” (Goheen, 2014, p. 230).

Acima dos conceitos de Israel e igreja, temos o Reino de Deus, em que vemos mais claramente a unicidade do povo em relação a um plano maior que está sob o reinado de Deus:

O reino de Deus abrange (1) o governo universal e o reinado absoluto do Rei soberano sobre tudo o que ele criou e cuja existência ele sustenta; (2) o povo de Israel, graciosamente escolhido dentre todos os povos do mundo para ser o povo actual do reino de Deus; (3) uma visão futura esperada, associada a um Rei davídico e ao Filho do Homem; (4) uma realidade inaugurada, “já” cumprida em Jesus Cristo que pregou o evangelho do reino de Deus, cuja mensagem dá origem a (e resulta em) filhos do reino e cidadãos de oposição; e (5) uma esperança para o aspecto “ainda não” da realidade do reino em Jesus, a se completar em breve. (Allison, 2021, p. 97).

A igreja, nesse sentido, é o povo que nasceu a partir da vinda de Jesus, em continuidade ao Israel, seu povo escolhido, para participar de uma nova realidade inaugurada por Ele, sendo ela mesma o evangelho vivo e ao mesmo tempo súditos do Rei entre os que estão se perdendo e ajuntando-se em um único povo que caminha para a esperança do reencontro com esse Rei em um cosmos restaurado.

---

Clowney “A história da igreja começa com Israel, o povo de Deus do Antigo Testamento”, complementando o raciocínio ao dizer que “Deus está garantindo um novo começo, uma nova criação por meio de Cristo, em que o povo de Deus se conforma cada vez mais ao reino ou governo de Deus.” (Dever, 2015, p. 33-43).

## 2.2 A missão do povo de Deus na Bíblia

Nesta seção usaremos como referencial a perspectiva que Goheen descreve em “A igreja missional na Bíblia: luz para as nações”, especialmente os capítulos 2 e 3 desta obra.

A missionalidade do povo de Deus encontra suas origens desde cedo na meta-narrativa bíblica. Como vimos, o mundo foi criado bom em Gênesis 1 e 2, porém, os capítulos 3-11 mostram a decadência da humanidade em uma espiral que culmina no dilúvio e na dispersão das nações no episódio de Babel. Apesar disso, o capítulo 3 já mencionava uma parte crucial da missão de Deus, quando o descendente da mulher, Jesus, seria o responsável pela ferida mortal do diabo, o verso 15 diz: “Porei inimizade entre você e a mulher, entre a sua descendência e a descendência dela, que ferirá a sua cabeça, e você lhe ferirá o calcanhar”. (Nova Versão Internacional, 2023).

Em contraste a dispersão do capítulo 11, Deus escolhe um homem para juntá-las novamente, trazendo agora bênção às nações. Gênesis 12:1-3 diz:

1Então, o Senhor disse a Abrão: — Saia da sua terra, do meio dos seus parentes e da casa do seu pai, e vá para a terra que eu lhe mostrarei. 2“Farei de você um grande povo e o abençoarei. Tornarei famoso o seu nome, e você será uma bênção. 3Abençoarei os que o abençoarem e amaldiçoarei os que o amaldiçoarem; por meio de você, todos os povos da terra serão abençoados”. (Nova Versão Internacional, 2023).

Essa declaração marca o início de uma história missionária para o povo de Deus: “O papel do povo de Deus está aqui: eles são escolhidos em favor do mundo” (Goheen, 2014, p. 48).

Reinke esclarece:

A ideia de povo de Deus nasceu com a vocação orientada para o futuro e para fora de si mesmo. O mundo inteiro estava em perspectiva. Mas havia mais um fator importante: Deus não entregou diretamente os bens prometidos; ele os distanciou. É necessário haver a colaboração humana, pois trata-se de um plano divino encarnado na história. Há uma promessa a ser cumprida pela Providência, mas homens e mulheres foram convocados para ser o veículo desse cumprimento. Por isso, o conteúdo da promessa divina feita a Abrão foi tríplice: 1) um descendente; 2) uma terra; 3) e uma bênção para todos os povos da terra (Gênesis 12:1-3). (Reinke, 2021, p. 79).

Para o autor, Abraão surge como modelo, representante de um plano maior de Deus para o mundo. A própria existência de um povo nasce desta ideia. Abraão deveria ser íntegro, deveria ter uma fé para além de seu tempo, deveria ser pai de multidões e assim quebrar o ciclo de dispersão e pecado dos povos. Essa jornada

passa por diversas dificuldades, mas o Deus que o chamou estava guiando toda a história.

Walton nos mostra que Deus escolhe relacionar-se com a humanidade por meio de alianças. É um fato exclusivo em Israel na antiguidade, e é por meio de alianças que Deus confere um *status* para seu povo, por meio do qual teriam sua identidade firmada no próprio Deus:

Por meio da aliança, Israel recebe um *status* de povo de Javé, que eles devem adotar como sua identidade. E Javé, ao entrar na relação de aliança, assume a identidade do Deus de Israel. Conforme a aliança se estende, ele escolhe Abraão (Gn 12; 15), Israel (Ex 6,7) e, por fim Davi (2Sm 7) [...] cada uma dessas fases da aliança envolve um novo ato de eleição e uma nova direção para a revelação. A eleição, portanto, no contexto da aliança, é um ato de Deus que dá um novo *status* à pessoa ou ao grupo que é eleito. (Walton, 2021, p. 91).

A partir disso, vemos uma demonstração da identidade teleológica e funcional do povo de Deus:

A eleição particular de Abraão é o instrumento para o propósito universal de Deus com o mundo inteiro. Por isso, na história bíblica, privilégio e responsabilidade, salvação e serviço, receber e mediar bênção caminham de mãos dadas na eleição. O povo de Deus é um povo a fim de que: eles são escolhidos a fim de que possam conhecer a salvação de Deus e então convidar todas as nações a fazer parte dela. (Goheen, 2014, p. 50).

O livro de Êxodo deixa claro a missão de Deus através de seu povo: primeiro se lembra da promessa (Ex 2:23-25), depois redime esse povo escolhido, resgatando-os da escravidão (Ex 3-18) e depois os conduz a Sua presença (Ex 19-40). É nesse mesmo fio condutor que o povo deve agora se identificar. O êxodo é o paradigma identitário desse povo. Eles foram resgatados para um propósito de vida. Assim como Abraão foi abençoado para abençoar, o povo de Israel se emoldura no mesmo propósito e tem sua existência vinculada a isso.

Israel recebe restauração, bênção, a terra, a instrução e a identidade que Deus prometera a Abraão, isso tudo atrelado ao propósito de ser luz às nações, não de ser um povo fechado em si mesmo. É isso que o texto de Deuteronômio 4:5-10 diz:

5Vejam, eu ensinei a vocês estatutos e ordenanças, como me ordenou o SENHOR, o meu Deus, para que sejam cumpridos na terra em que vão entrar para dela tomar posse. 6Vocês devem obedecer-lhes e cumpri-los, pois assim os outros povos verão a sabedoria e o entendimento de vocês. Quando eles ouvirem todos estes estatutos, dirão: “De fato, esta grande nação é um povo sábio e inteligente”. 7Pois que grande nação tem deuses tão próximos como o SENHOR, o nosso Deus, sempre que o invocamos? 8Ou que grande nação tem estatutos e preceitos tão justos como esta lei que hoje apresento

a vocês? <sup>9</sup>Apenas tenham cuidado! Tenham muito cuidado para que vocês nunca se esqueçam das coisas que os seus olhos viram; conservem-nas por toda a vida na memória. Contem-nas aos seus filhos e aos seus netos. <sup>10</sup>Lembrem-se do dia em que vocês estiveram diante do SENHOR, o seu Deus, em Horebe, quando o SENHOR me disse: “Reúna o povo diante de mim para ouvir as minhas palavras, a fim de que aprendam a temer-me enquanto viverem sobre a terra e as ensinem aos seus filhos”. (Nova Versão Internacional, 2023).

Israel foi chamado para ser uma comunidade de contraste, que atrai as nações ao seu Deus, para que sejam unidas novamente e restaurada a criação. O centro de sua identidade é o próprio Deus e sua missão.

Ao entrarem e tomarem posse da terra prometida, os israelitas deveriam ser contrastantes às monarquias ao seu redor. Eram um povo regido pelo próprio Deus, moldados pela história que os uniu: o êxodo.

Como uma comunidade de contraste, essa liga tribal manifesta igualdade e liberdade entre as tribos que a compõem. Na ausência de uma autoridade central rígida, o povo de Israel precisa viver por meio de consenso, e não por coerção, em conformidade com o seu chamado como povo de Deus. Eles devem ser “comunidades unidas por um compromisso comum com a história central [de Israel] e sua paixão social distintiva [...]. Na ausência de elementos de sustentação visíveis, a comunidade dependia de contar e ouvir regularmente a sua história” (Goheen, 2014, p. 76).

O ciclo de Juízes mostra o caráter extrínseco da relação desse povo para com Deus e sua missão. Por diversas vezes o povo emerge em idolatria, mas Deus continuamente os resgata e assim, por meio de ciclos, o livro de Josué e Juízes mostra a mudança na identidade do povo que deveria ser o povo exclusivo de Deus. O refrão que se repete, como em Juízes 21:25, é: “Naquela época, não havia rei em Israel; cada um fazia o que era certo aos seus próprios olhos” (Nova Versão Internacional, 2023).

Ao rejeitarem o seu chamado missional, os israelitas pedem um rei a Deus. O motivo desse pedido é justamente um abandono da missão, como diz 1 Samuel 8:20a: “Seremos como todas as outras nações” (Nova Versão Internacional, 2023). Enquanto o chamado em Abraão era abençoar todas às nações, o povo da promessa escolheu se tornar como as nações ao seu redor.

Apesar da rebeldia do povo, Deus não abandona sua missão, antes, permite que sofram o dano de ter um líder segundo seus próprios interesses como Saúl, posteriormente, recoloca seu povo na missão ao dar-lhes um rei que mediasse a liderança divina ao povo. No discurso paulino de Atos 13:22 onde ele cita 1 Samuel 13:14 encontramos assim: “Depois de rejeitar Saul, levantou-lhes Davi como rei, sobre

quem testemunhou: ‘Encontrei Davi, filho de Jessé, homem segundo o meu coração; ele fará tudo o que for da minha vontade’” (Nova Versão Internacional, 2023).

Assim, de duas maneiras o rei desempenha uma parte decisiva na promoção do papel e da identidade missionais de Israel: primeira, em sua tarefa régia de derrotar nações idólatras que ameaçavam Israel, encorajando a conformidade à lei segundo a justiça e fomentando a vida ligada ao templo; e, segunda, como um símbolo do generoso governo universal futuro sobre todas as nações, o horizonte derradeiro da missão de Israel. (Goheen, 2014, 79).

Os salmos refletem a realidade da missão de Deus para as nações (Sl 66, 67, 86, dentre outros). Tomemos como exemplo o salmo 22, de Davi, o qual Jesus menciona e ao mesmo tempo o cumpre em sua crucificação de acordo com o relato de Mateus 28:45ss. Os versos 27 e 28 do salmo dizem: “Todos os confins da terra se lembrarão e se voltarão para o Senhor, e todas as famílias das nações se prostrarão diante dele, pois do Senhor é o reino; ele governa as nações.” (Nova Versão Internacional, 2023).

A promessa feita a Abraão encontra eco entre os profetas, desde a monarquia até o pós exílio.

Isaías é um profeta chave nesse sentido, pois menciona vastamente a missão do Messias de seu povo relativa as nações com o objetivo de juntá-las na restauração de todas as coisas, cf. Is 2:2-5; 11:1-16; 14:1; 19:24-25; 42:1-4; 43:10; 49:6-7; 51:4-5; 55:1-5; 60:2-3.

A visão de Isaías mostra o “outro mundo” da presença abençoadora de Deus em uma nova comunidade formada por representantes de todas as nações, em um novo céu e nova terra (66.22; 65.8-25). Apresenta um grande vislumbre do reino de Deus em santidade e glória. O Deus-Criador, o santo Deus do monte Sinai, é o Deus que habita em Sião, cujo trono se estende para todas as nações. Embora a criação esteja contaminada, ele a restaurará para si mesmo. (Pelt, 2024, p. 402).

Já Daniel, Ezequiel, Jeremias, Esdras e Neemias, são livros que retratam a missão do povo no meio das nações. Em Jeremias 29:4-7 o profeta exorta o povo a buscar a *shalom* (שלווה) da cidade, ou seja, buscar a inteireza, prosperidade, paz, tranquilidade, sucesso, bem estar, bondade, salvação, etc. (cf. Holladay, 2010, p. 527-528). Já Daniel, narra um exemplo de servo que encarnou a missão entre as nações, sendo um funcionário civil que conhecia bem a cultura em que estava inserido, ao mesmo tempo em que confrontava os ídolos. Ezequiel 39:7 exorta o povo a voltar-se para o Senhor para que as nações o conheçam de fato. Esdras e Neemias deixam

claro a soberania e o cuidado de Deus em preservar, sustentar e restaurar o povo que havia passado 70 anos no exílio, levantando reis como Ciro e Artaxerxes para cumprir seus propósitos.

Outras passagens do Antigo Testamento ainda mencionam a missão de reunir as nações, tais como: Zacarias 2:10-11; 8:20-23; 9:9-10, Amós 9:12, dentre outras.

O Novo Testamento possui diversas passagens que mostram tanto a missão quanto a igreja missional. Mateus 1:18-25 e Lucas 2:1-7 mostram o nascimento de Jesus como cumprimento das profecias messiânicas encontradas principalmente em Isaías. A própria genealogia registrada por Mateus evidencia Abraão como primeiro ascendente do Cristo, que seria o responsável pela bênção às nações. Assim como Israel vai para o Egito e retorna após um período de dificuldade, Jesus também passa por isso (Mt 2:13-23). Da mesma forma acontece com a narrativa do deserto em que Ele foi tentado (Mt 4:1-11). Jesus legislou à semelhança de Moisés, mostrando a ética do Reino de Deus que Ele trazia (Mt cap. 5 a 7). Ele mesmo era Deus e a luz dos homens e atraiu até mesmo os gentios para si (cf. Jo 1:1-5 e Mt 4:24-25). O fato de ser o próprio Deus, somado a esses paralelos com o povo de Israel deixam claro que Jesus é o grande missionário e referencial de todo o plano redentivo.

O ajuntamento das nações era a própria essência da existência de Israel nos propósitos de Deus; era o cumprimento do aspecto fundamental da promessa divina a Abraão. Visto que Jesus era o Messias de Israel, e visto que o Messias encarnava na própria pessoa a identidade e a missão de Israel, pertencer ao Messias por meio da fé significava pertencer a Israel. E pertencer a Israel significava, por sua vez, ser um verdadeiro filho de Abraão, independentemente da ascendência étnica, porque “se sois de Cristo [Messias], então sois herdeiros de Abraão e herdeiros conforme a promessa” Gl 3:29 (Wright, 2014, p. 293).

Também trouxe consigo a materialização inicial do Reino de Deus, tão esperado pelos judeus.

A vinda e a atuação de Deus em seu reino é a base, o centro e o horizonte da atuação de Jesus. Com seu discurso sobre o Reino de Deus, Jesus realiza não só um diagnóstico do tempo, mas uma abrangente criação de sentido, cujo ponto de partida foi a experiência e a intelecção de que Deus, de um modo qualitativamente novo, está a caminho em favor da salvação das pessoas e que o Mal está sendo rechaçado [...]. Para Jesus, o Reino de Deus não é absolutamente apenas uma ideia, mas é uma realidade muito concreta que revoluciona o mundo, e ele entendeu a si mesmo como o início dessa realidade. (Schnelle, 2017, p. 130-131).

Mais do que isso, Jesus é o responsável por trazer o *status* de povo de Deus por meio da Nova Aliança no Seu sangue, todo aquele que tem comunhão com Jesus

recebe esse novo *status*. A Bíblia de estudos Thomas Nelson, em sua nota de rodapé a respeito de Lucas 22:20: “Após a ceia, Jesus usa o cálice para explicar a razão pela qual sua morte é importante. Seu derramamento de sangue inaugura a nova aliança (Cf. Jr 31:31; Ez 16:60; 1Co 11:25)” (Nova Versão Internacional, 2021).

O ponto alto da atuação de Cristo é a cruz. Segundo Goheen, três afirmações resumem a importância da cruz para a eclesiologia missional.

Em primeiro lugar: “a cruz é *cósmica* e *escatológica*: a restauração de toda a criação como o objetivo da história é estabelecida. Na morte de Jesus, Deus atinge o alvo da história, a restauração de toda a criação.” (Goheen 2014, p. 138).

Em segundo lugar: “a cruz cria uma *comunidade* que participa na vitória de toda a criação sobre a culpa e o poder do pecado. O povo de Deus participa na morte de Cristo, e assim é morta a nossa antiga humanidade (dominada pelo pecado).” (Goheen 2014, p. 138).

Em terceiro lugar: “só por meio de arrependimento e fé, membros *individuais* do povo de Deus podem participar dessa nova criação e da comunidade que agora tem parte naquilo que Cristo realizou.” (Goheen 2014, p. 139).

A ressurreição é o início dessa nova criação:

A ressurreição marca a restauração do povo de Deus para uma nova vida como parte da nova criação. Para a igreja primitiva, a ressurreição de Jesus é o início dessa nova criação. O Novo Testamento esclarece essa compreensão com três imagens: que Cristo é o primogênito, as primícias e o pioneiro ou início (archo). (Goheen, 2014, p.141).

Após Jesus terminar sua obra na encarnação, ele agora envia seu povo às nações (cf. Mt 28:19, Jo 20:21). Enquanto sua obra focalizou inicialmente a reunião e restauração das ovelhas perdidas de Israel (Mt 10:5-7), embora alguns gentios tenham feito parte desse processo atraídos por sua obra (Mc 7:24-30, Lc 7:1-10), agora a igreja, que é esse Israel restaurado, é direcionada a dar continuidade a missão indo até os confins da terra. Não é à toa que essa obra se inicia encabeçada pelos 11 apóstolos. Eles são a representação das tribos israelitas. De acordo com Goheen: “Karl Bath menciona que os Onze na Galileia ‘encarnam e representam o Israel do tempo final. Esses ‘onze’ (de acordo com a aritmética bíblica! equivalem a ‘doze’, uma vez que mesmo na sua incompletude eles respondem pela totalidade de Israel” (Goheen, 2014, pp. 145-146).

Em Atos, vemos o desenrolar dessa missão. A igreja não nasceu com estruturas rígidas organizacionalmente, porém, debaixo de um envio de Jesus e sob

a capacitação do Espírito Santo para ser testemunha de Jesus em toda a terra. Atos 1:8 diz: “Mas receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês, e serão minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até os confins da terra.” (Nova Versão Internacional, 2023). A fala de Jesus implica que esse grupo, ora denominado apóstolos, que significa “delegado, enviado, mensageiro” (Gingrich, 1984, p. 31), agora seriam conhecidos como testemunhas do Cristo.

O Espírito que havia sido prometido em Joel 2:28 foi, então, derramado sobre a comunidade dos discípulos em Atos 2, dando início a uma nova etapa, agora, capacitados a falar as maravilhas de Deus na língua de cada nação ali presente. Nisto consiste sua identidade, não apenas uma tarefa dada. O chamado transcende o “ser luz”, é também ir ao encontro do mundo como testemunha cheia do Espírito.

O livro de Atos mostra a expansão da Igreja no sentido indicado por Jesus: iniciando em Jerusalém, o livro termina com Paulo pregando em Roma. Nesse meio tempo, muitas igrejas são fundadas conforme vemos a expansão da própria Palavra do Senhor pelo mundo (At 2:42, 4:31; 6:7; 8:4,14, 25; 10:44; 11:19-20; 12:24; 13:5; 13:48-49; 15:7; 16:32; 18:11; 19:20, dentre outras ocorrências). Como escreve Goheen: “A trama de Atos trata da expansão geográfica da Palavra, porém essa não é uma mensagem teológica abstrata: é uma mensagem de poder completamente encarnada na vida, nas palavras e nas ações da igreja” (Goheen, 2014, p. 160).

Atos 11:19-29 narra um exemplo de como a missão de Deus começou a alcançar organicamente os gentios. A primeira igreja multiétnica nasce pela pregação de judeus crentes que foram dispersos e começaram a anunciar a Palavra do Senhor. É interessante que foi essa a ocasião em que foram pela primeira vez chamados de “cristãos”. Segundo o relato de Lucas, portanto, ser cristão está ligado a esse relacionamento orgânico, cristocêntrico, voltado para os de fora, com a confirmação da mão do Senhor com eles (cf. v. 21).

A entrada dos gentios na igreja gerou desconforto, como vemos em Atos 15. O choque cultural gerou dúvidas, porém, o argumento de Pedro foi que a união desses povos se deu pelo aceite do Espírito Santo, não por meio de determinadas práticas da Lei. Além disso, Tiago relaciona essa união como cumprimento da vontade de Deus sinalizada pela profecia de Amós 9, como visto anteriormente.

As cartas tanto Paulinas como Gerais, são escritas no contexto da missão, sempre respondendo a demandas surgidas desse interesse expansivo da Palavra de

Cristo. Na carta aos Efésios, por exemplo, vemos como a Igreja é instrumento da missão:

A preocupação de Paulo é que a igreja entenda seu lugar e papel na história da redenção. Para Paulo, o ministério histórico de Cristo ocorreu, no plano de Deus, na “plenitude dos tempos” (1.10; cf. Gl 4.4). A intenção de Deus era, por meio da obra consumada de Cristo na história, “reunir nele todas as coisas, as que estão nos céus e as que estão na terra” (Ef 1.10). [...] No presente, Paulo enfatiza, a igreja é o *locus* na criação onde a obra reconciliatória de Cristo possui a mais clara e completa exibição. (Kruger, 2023, p. 435).

O Apóstolo Pedro parece ecoar Dt 4:5-10 em 1Pe 2:12 quando diz:

Tenham uma conduta correta entre os pagãos para que, mesmo que eles os acusem de praticar o mal, observem as boas obras que vocês praticam e glorifiquem a Deus no dia da intervenção dele. (Nova Versão Internacional, 2023).

É notável ao longo dessas e outras passagens bíblicas que a missão sempre esteve presente em Deus e através de seu povo desde a queda do ser humano no pecado, culminando na consumação descrita em Apocalipse 21 e 22. O ponto focal é o escolhido de Deus, também chamado Descendente (Gn 3:15), Emanuel (Is 7:14), Cristo (Mt 16:16) e Rei das nações (Ap 15:3-4). Também é voltado para fora: as nações ou gentios dos confins da terra.

Alcaíde diz: “Missão nasce no coração de Deus, opera na história através do poder do Espírito Santo, e aponta para Jesus como Senhor *kúpioç* (*kyrios*) de todo universo.” (Alcaíde, 2018). Assim, a igreja missional representa esse movimento que parte de Deus, em Cristo e no Espírito, com o foco de participar do que Ele mesmo está fazendo.

### 3 A IGREJA MISSIONAL HOJE: UM POVO, UM PROPÓSITO, MÚLTIPLOS CONTEXTOS

A partir dos fundamentos desenvolvidos anteriormente, a saber, a compreensão da natureza missional da igreja (capítulo 1) e a maneira como essa natureza missional do povo de Deus se expressa ao longo de toda a Bíblia (capítulo 2), neste terceiro e último capítulo discorreremos sobre o que significa ser uma igreja missional hoje, observaremos alguns problemas e desafios que a igreja enfrenta e buscaremos respostas para esses desafios ao refletir sobre como ser missional hoje em diferentes contextos.

#### 3.1 O que é ser uma igreja missional?

Keller faz um panorama de como o termo missional foi entendido e aplicado nas diversas comunidades cristãs que se perceberam inócuas a seu tempo. O autor discorre sobre diferentes correntes de pensadores da igreja missional (Keller, 2014, p. 304-306), que em resumo, dizem que ser missional é:

1. Ser evangelístico, ou seja, uma igreja altamente comprometida com a pregação do evangelho buscando fazer isso com criatividade suficiente para penetrar na cultura, porém ainda com bases bem tradicionais na teologia. Essa abordagem não se preocupa com a visão geral da *missio Dei* de restaurar o mundo e se aproximar suficientemente da cultura.
2. Ser encarnacional. Em outras palavras, igrejas que se desenvolvem organicamente através da aproximação geográfica entre os crentes, formando uma vizinhança forte, cristã, profundamente envolvida na vida um do outro, tendo como ponto de contato os não cristãos que tem interesse em lutar por justiça e paz. A igreja se desenvolve nos lares.
3. Ser contextual. Nessa corrente missional, a preocupação está tanto em adaptar-se à cultura quanto em desafiá-la. Esse modelo procura uma nova apologética, evangelização e engajamento na cultura por meio do trabalho e da vida comum. Essa corrente busca integrar todas as áreas da vida na proclamação do evangelho.
4. Ser recíproco e comunal. Esse outro viés, concorda até certo ponto com as abordagens anteriores, defendendo que cada cristão deve ser um

missionário, que devemos ser encarnacionais e contextuais. Porém, entendem que não foram longe demais. Para essa abordagem, porém, há uma divisão entre seus proponentes. O primeiro grupo vai além na pragmática, entendendo que Deus está em missão e nós devemos apenas buscar perceber como ele está agindo na sociedade e tentar se envolver. O segundo grupo, vai além no sentido de redefinir o que é o pecado, a missão e a salvação, não os vendo de uma perspectiva homem versus Deus, mas em termos horizontais, buscando redimir estruturas sociais, entendendo que não apenas os indivíduos, mas as comunidades como um todo estão em dívida com Deus.

Para Keller, essas quatro ênfases têm suas vantagens e desafios e, em certa medida, a igreja missional poderia ser tudo isso. Ele também elenca quatro pontos em comum que contribuem para um entendimento mais holístico do que é uma igreja nessa perspectiva.

Em primeiro lugar, os que pensam a igreja missional entendem que os tempos mudaram. A igreja não está mais no centro da cultura, mas na margem. Muito do que era responsabilidade da igreja prover, agora não é mais. Não podemos esperar que as pessoas à nossa volta entendam as nossas crenças como as gerações passadas poderiam entender.

Em segundo lugar, a igreja está num cativeiro cultural, por isso, nossa mensagem precisa buscar a compreensividade das pessoas e ao mesmo tempo desafiá-las em meio a cultura.

Em terceiro lugar, os pensadores da igreja missional entendem que missão não é apenas um departamento da igreja, mas a própria essência dela. Deus nos envia ao mundo para ser uma bênção, ou seja, não fomos chamados para ser consumidores de espiritualidade, mas mensageiros que pensam e agem de modo cristão no mundo para abençoar.

Em quarto lugar, os pensadores da igreja missional concordam que a igreja deve ser uma comunidade de contraste. Isso requer não apenas pregação ao mundo de arrependimento e fé, mas envolvimento social, um chamado à justiça, testemunho e serviço ao mundo.

No capítulo 20 de sua obra, Keller ainda faz algumas ressalvas a respeito desses quatro modelos de igreja missional. Percebendo suas diferentes ênfases, o autor explora três problemas que devemos nos atentar.

Primeiro, a abrangência insuficiente. De acordo com o autor, precisamos nos atentar às questões de linguagem, ou seja, em como as pessoas estão compreendendo aquilo que estamos tentando comunicar a elas, seja em palavras ou ações.

E se muitos ouvintes tiverem conceitos profundamente diferentes sobre Deus, verdade, certo e errado, liberdade, virtude e pecado? E se as abordagens desses ouvintes sobre realidade, sobre natureza humana e destino e sobre comunidade humana forem totalmente diferentes das nossas? [...] A estética do culto deve refletir as sensibilidades da cultura e, ainda assim, mostrar como a fé cristã influencia essas sensibilidades e é comunicada por meio delas. A pregação e o ensino têm de mostrar que as esperanças das pessoas dessa cultura se tornarão realidade somente em Cristo. Acima de tudo, os membros de tal igreja devem refletir a variedade demográfica da comunidade ao redor e, com isso, oferecer ao não cristão vislumbres atraentes e desafiadores de como ele seria caso se tornasse cristão. (Keller, 2014, p. 312).

Em segundo lugar, Keller destaca o problema da ligação excessiva a determinado formato. Não deveríamos nos apegar a determinado modelo de igreja, como se replicar formatos fosse a solução para a missionalidade. Na verdade, cada contexto exigirá da igreja um formato que se comunique melhor com a sociedade e possa proclamar o evangelho mais eficazmente.

Em última análise, não acho que nenhum formato específico de igreja (pequena ou grande, organizada em grupos pequenos ou organizada em uma única comunidade de tamanho médio) é intrinsecamente melhor na produção de frutos espirituais, em alcançar não salvos, em cuidar das pessoas e em produzir vidas semelhantes a Cristo. (Keller, 2014, p. 315).

Em terceiro e último lugar, o autor destaca o problema da falta de entendimento claro do evangelho. Muitas igrejas que buscam ser missionais acabam se afastando de alguns aspectos fundamentais da fé. A mensagem do evangelho muitas vezes é vista apenas da dimensão cósmica, do fato de que Deus está restaurando todas as coisas, mas fica de lado a responsabilidade individual em relação ao pecado e a salvação. A dimensão cósmica não pode obstar da dimensão individual, ambas são importantes.

Sem dúvida alguma, existem aspectos coletivos e horizontais tanto no pecado quanto na redenção. Esses conceitos bíblicos são profundos, abrangentes e de longo alcance. Contudo, se no esforço de esclarecer esses aspectos horizontais, negamos as doutrinas clássicas da graça, o resultado será um destrutivo desequilíbrio. A compreensão protestante clássica do evangelho inclui a crença de que Deus é santo e de que nós estamos debaixo de sua ira e maldição, mas que Jesus recebeu em nosso lugar esse castigo, essa ira e essa maldição. (Keller, 2014, p. 321).

A partir dessas definições e cuidados, Keller vai apresentar seis marcas do que seria uma igreja missional (Keller, 2014, p. 321-324). Para ele é possível que uma igreja seja fiel doutrinariamente e ao mesmo tempo tenha um encontro missionário com as pessoas não cristãs. Essas marcas mostram como isso seria possível:

1. A igreja missional, se deseja mesmo ter um encontro missionário com a cultura ocidental, precisará confrontar os ídolos da sociedade e lidar de modo especial com a maneira em que a modernidade transforma felicidade e autorrealização em absolutos.
2. A igreja missional, para alcançar as pessoas em uma cultura pós-moderna, tem de reconhecer que a maior parte das nossas apresentações mais recentemente formuladas e populares do evangelho cairá em ouvidos surdos, porque os ouvintes se sentirão visceralmente ofendidos ou simplesmente serão incapazes de entender conceitos básicos de Deus, do pecado e da redenção.
3. A igreja missional confirmará que todos os cristãos são missionários em todas as áreas da vida.
4. A igreja missional tem de se ver como comunidade que serve - uma contracultura para o bem comum.
5. A igreja missional tem de ser, de certa forma, porosa. Ou seja, deve esperar que não crentes, interessados e pessoas em busca de espiritualidade se envolvam em quase todos os aspectos da vida da igreja e do ministério: no culto, nos grupos pequenos e médios e no serviço à comunidade.
6. A igreja missional deve exercitar a unidade cristã, tanto quanto possível, em âmbito local.

Outra contribuição importante para nos ajudar a definir e entender a natureza da igreja está em Goheen. O autor entende a natureza da igreja a partir de uma perspectiva do plano de Deus para o mundo:

Ele [Deus] escolheu e formou uma comunidade para encarnar sua obra de cura no meio da história humana. Deveria ser um povo que realmente pudesse dizer “espero que um dia você se junte a nós” manifestando o conhecimento de Deus, a alegria, a retidão, a justiça e a paz desse novo mundo que um dia encheria toda a terra. Nessa comunidade, todos poderiam ver os princípios do tipo de mundo que Deus havia originalmente planejado na criação, e que ele ainda tinha em mente realizar por meio de sua obra redentora no final da história. [...] Na sua melhor definição, ‘missional’ descreve não uma atividade da igreja, mas a própria essência e identidade da igreja à medida que ela assume seu papel na história de Deus no contexto de sua cultura e participa na missão de Deus para o mundo. [...] Desse modo,

descrever uma igreja como 'missional' significa definir a comunidade cristã inteira como um corpo enviado ao mundo e que não existe para si mesmo, mas para levar as boas-novas ao mundo (Goheen, 2014, p. 19-21).

Goheen faz um panorama histórico desde a igreja primitiva até o período pós-iluminista mostrando que em sua origem, o povo de Deus era uma comunidade alternativa, que testemunhou publicamente sua fé em Jesus como Senhor de suas vidas. Eles viviam de forma subversiva no contexto cultural romano. "Sua vida comunitária alternativa estava à margem da sociedade predominante e, no entanto, era atraente para muitos e desafiava publicamente a idolatria reinante no império." (Goheen, 2014, p. 25).

Assim, em um primeiro momento, argumenta o autor, a igreja entendia que sua identidade era marcada por missionalidade. No entanto, no período pós-iluminista, após diversas transformações ao longo da história, a igreja se encontra diferente.

Goheen menciona "três forças espirituais que moldam a vida pública da cultura ocidental: globalização, pós-modernidade e consumismo." (Goheen, 2014, p. 32). As duas primeiras forças combinam-se para formar a terceira. O autor alerta:

Até mesmo o evangelho e a igreja podem ser tragados pelo espírito consumista. Quando a igreja assume o papel designado a ela numa cultura de consumo e aceita ser moldada por essa história, ela se torna mera vendedora de bens e serviços religiosos (Goheen, 2014, p. 32).

Assim, a igreja tornou-se fruto de seu tempo. Ao contrário do que ocorreu no início, em muitos momentos ela se deixou levar por outro senhor, que não Jesus.

Ainda segundo Goheen, a igreja é moldada por imagens da história em que se insere. Assim, ele discorre sobre nove imagens da igreja que são reflexos da longa história de sua formação até os dias de hoje (Goheen, 2014 p. 34-35), em resumo são:

1. igreja como shopping center ou praça de alimentação;
2. igreja como centro comunitário;
3. igreja como empresa;
4. igreja como teatro;
5. igreja como sala de aula;
6. igreja como hospital ou spa;
7. igreja como seminário motivacional;
8. igreja como posto de assistência social;
9. igreja como sede de campanha ou grupo de amparo social.

Vale a ressalva que o autor faz de que algumas atividades dentro dessas imagens são válidas, mas quando a própria história bíblica é esquecida ou mesmo a natureza da igreja, essas atividades acabam por serem moldadas por uma história diferente (Goheen, 2014, p. 35).

Assim, o argumento geral de Goheen é que a igreja atual se encontra num cativo cultural. Concorde, portanto, com Timothy Keller. Nesse sentido, alguns elementos são elencados por ele para pensarmos a natureza missional da igreja.

O ponto de partida nessa busca é um retorno às origens da igreja com Jesus e o evangelho. A mensagem de Jesus: “diz respeito a renovação cósmica, à restauração de toda a criação e de toda a vida humana e sociedade; ela não é o tipo de anúncio a ser relegado à seção religiosa do jornal, antes, permanece notícia mundial” (Goheen, 2014, p. 35). Assim, a igreja existe como aqueles que difundem essa mensagem pelo poder do Espírito Santo até que Jesus retorne.

O evangelho é o fundamento para definirmos a natureza da igreja. Em sua obra Goheen salienta cinco pontos de referência que as boas-novas, como história modeladora, nos trazem nessa busca (Goheen, 2014, p. 37-39), em resumo esses pontos são:

1. A exigência que o evangelho traz a seus ouvintes, de recebe-lo como verdadeira história do mundo;
2. O tema central dessa história é o propósito e ação de Deus de renovar toda a criação e a vida humana;
3. O tema central da mensagem das boas-novas é a vinda do reino de Deus;
4. Deus realiza seus propósitos redentores nessa história escolhendo um povo para tornar conhecida a todos a direção que a história está tomando;
5. O evangelho de Jesus revela que a comunidade chamada por Ele é tanto o começo de algo novo quanto a continuação de algo antigo.

Nesse último ponto, o autor aproxima a identidade da igreja como nascida desde o Éden e não em atos 2. Isso porque define identidade como marca de uma história da redenção e não como um tipo de projeto dentro do plano maior e separado de Israel.

Esse papel missional está, para o autor, intimamente relacionado a missão de Deus:

Esta é a missão de Deus: recuperar a criação e a vida da humanidade da devastação causada pelo pecado. A função da igreja nessa história é

participar na missão de Deus; devemos estar envolvidos na obra de Deus de restauração e cura. Isso define a identidade e o papel da igreja. (Goheen, 2014, p.38).

Goheen também concorda com Keller ao afirmar a respeito de uma das características dessa igreja: “A igreja é a comunidade que experimenta em vida o poder da obra renovadora de Deus, e desse modo, encarna a salvação abrangente e restauradora do reino em favor do mundo.” (Goheen, 2014, p. 38).

Goheen ainda faz um panorama bíblico a respeito de como se deu essa história de salvação e como o povo de Deus pode ser definido ao longo das Escrituras.

No último capítulo, o autor traz algumas reflexões sobre o que seria uma igreja Missional hoje. Para ele, não significa reinventar ou redescobrir as estruturas da igreja, mas sim vê-la por um ângulo diferente. As características dessa igreja são:

1. “Uma igreja com um culto que fomente nossa identidade missional” (Goheen, 2014, p. 240);
2. “Uma igreja capacitada por meio da pregação do evangelho” (Goheen, 2014, p. 242);
3. “Uma igreja dedicada à oração em comunidade” (Goheen, 2014, p. 246);
4. “Uma igreja empenhada em viver como uma comunidade de contraste” (Goheen, 2014, p. 247);
5. “Uma igreja que compreende o seu contexto cultural” (Goheen, 2014, p. 251);
6. “Uma igreja treinada para o encontro/confronto missionário no seu chamado ao mundo” (Goheen, 2014, p. 254);
7. “Uma igreja treinada para o evangelismo de uma maneira orgânica” (Goheen, 2014, p. 255);
8. “Uma igreja profundamente envolvida nas necessidades de sua vizinhança e do mundo” (Goheen, 2014, p. 258);
9. “Uma igreja comprometida com missões” (Goheen, 2014, p. 260);
10. “Uma igreja com líderes bem treinados” (Goheen, 2014, p. 261);
11. “Uma igreja com pais treinados para assumir a tarefa de desenvolver os filhos na fé” (Goheen, 2014, p. 262);
12. “Uma igreja com pequenos grupos que fortalecem seus participantes para a missão no mundo” (Goheen, 2014, p. 266);

13. “Uma igreja que busca e expressa a unidade do corpo de Cristo” (Goheen, 2014, p. 267).

Nessa perspectiva, a igreja como luz do mundo vai além de uma estrutura definida, mas aponta para um tipo de comunidade encarnada no evangelho, que caminha na direção do encontro final com Deus, sendo um povo que abençoa o mundo, ao qual as pessoas desejam fazer parte.

### **3.2 Problemas e desafios da igreja hoje**

Nesta seção, exploraremos alguns autores que tratam dos problemas e desafios mais recentes na história da igreja que a dificultam viver sua vocação.

Historicamente, a igreja sempre enfrentou problemas e desafios para viver seu chamado. Shelley constrói um panorama da história da igreja em sua obra. No capítulo 46, intitulado “O cristianismo no ocidente: Declínio e reconstrução”, discorre sobre os desafios e reações enfrentados pela igreja protestante no século XX e XXI.

Segundo o autor: “No começo do século XX, os cristãos conservadores lutaram contra cristãos progressistas ou liberais emergentes que pareciam estar internalizando a cultura” (Shelley, 2018, p. 493). De acordo com Shelley algumas igrejas cederam aos apelos do materialismo, outras, no entanto, reagiram através da pregação e ensino, como se vê no movimento fundamentalista americano e na influência acadêmica de Karl Barth.

No entanto, outros desafios foram surgindo, como no pós-guerra que contribuiu para o aumento da busca por “satisfação e as prerrogativas individuais autoindulgentes” (Shelley, 2018, p. 494). O consumismo, associado ao crescente mundo tecnológico contribuiu significativamente para mudanças ocorridas na igreja ocidental. Shelley resume essa mudança como simplesmente: secularismo.

As igrejas conservadores, então, tiveram três reações distintas frente a esse fenômeno. Segundo Shelley, algumas começaram a enfatizar o fim dos tempos:

Nesse sistema popular de crença, o mundo contemporâneo era visto se perdendo cada vez mais e tendo pouco a ver com o plano de Deus para a Igreja e, por causa do aumento do mal e do fracasso moral, seus defensores acreditavam que a remoção da Igreja, ou arrebatamento, aconteceria muito em breve. (Shelley, 2018, p. 497).

Outra reação foi: “combater as forças seculares nos âmbitos político e cultural” (Shelley, 2018, p. 498), o que gerou diversas discussões dentro e fora da igreja sobre

questões como: aborto, feminismo e direitos dos homossexuais, tendo sido esse grupo de cristãos os responsáveis por mobilizarem programas televisivos e radiofônicos de vertente evangélica, produções de livros e filmes que defendiam a fé contra aspectos negativos da cultura.

A terceira reação, segundo o autor, se caracteriza pelas megaigrejas:

Com o declínio das denominações na vida pública norte-americana e a crescente privatização da religião, as grandes igrejas ganhavam uma parcela cada vez maior dos frequentadores ou, como alguns grosseiramente denominavam, do “mercado religioso” (Shelley, 2018, p. 499).

Essa reação reflete uma igreja que teve que lidar com o secularismo abraçando-o, cedendo a seus apelos. Shelley ainda elenca outros problemas e desafios a igreja ocidental, agora adentrando o século XXI, como as discussões a respeito de família e o crescente terrorismo (Shelley, 2018, p. 501-504).

Hansen & Leeman retratam alguns outros problemas, especialmente a perda da comunhão entre irmãos que se deu com o advento da pandemia de Covid-19 e as novas relações estabelecidas nesse período de isolamento e retorno às atividades normais. Os autores salientam que a Covid em si não gerou o problema do afastamento de cristãos da comunhão em si, mas:

[...] acelerou a vasta tendência de separação entre a fé pessoal e a religião organizada. As paralisações nos pegaram de surpresa em seu início repentino e em sua duração indefinida. E é difícil voltar ao hábito depois que ele foi quebrado por mais de um ano. (Hansen & Leeman, 2021, p. 22).

Além disso, eles também levantam o problema da estranheza entre o pertencente a igreja e o visitante que vem a reunião dela:

[...] a COVID-19 acrescentou perguntas sobre se a igreja é online ou presencial, em lugar fechado ou aberto, com ou sem máscaras - sem falar na expectativa sobre vacinas. Para quem é novo na igreja, a terminologia parece engraçada. Quando você já ouviu o termo bênção fora da igreja? Onde mais há um gazofilácio? A música não é familiar. Não há muitos lugares onde você canta acompanhado por um órgão hoje em dia. Quando cantamos as mesmas canções de trinta anos atrás na igreja, chamamos isso de “música cristã contemporânea”. No rádio, isso se chama “clássicos”. (Hansen & Leeman, 2021, p. 45).

No terceiro capítulo, os autores falam do problema do culto virtual. Ao passo que a Covid-19 gerou importantes descobertas de ferramentas virtuais para evangelismo, também proporcionou o afastamento daqueles que preferem não ter

incômodos com outros irmãos e ao mesmo tempo podem desfrutar de uma pregação no conforto de suas casas.

Louvado seja Deus porque podemos “baixar” as verdades bíblicas virtualmente. Mas vamos louvar a Deus porque a vida cristã é mais do que apenas uma transferência de informações. Quando a igreja está apenas online, não podemos sentir, experimentar e testemunhar essas verdades tornando-se encarnadas na família de Deus, que fortalece nossa fé e cria laços de amor entre irmãos e irmãs. “igreja virtual” é um oxímoro. (Hansen & Leeman, 2021, p. 64).

Dever também descreve a igreja contemporânea com seus problemas. Logo na introdução, no subtítulo “a igreja contemporânea reflete o mundo” diz:

O propósito de muitas igrejas evangélicas mudou de glorificar a Deus para simplesmente crescimento, admitindo que esse objetivo, quando atingido, deve glorificar a Deus. [...] No aspecto teológico e prático, um dos problemas desse encurtamento de nossa visão é o pragmatismo sobrepujante que resulta disso. [...] O neopaganismo e a secularização, o pragmatismo e a ignorância são problemas sérios da igreja contemporânea. (Dever, 2018, p. 20).

É nessa mesma obra que Franklin Ferreira, na apresentação à edição em português, nos traz um vislumbre de que o problema também se refere ao Brasil:

Nas últimas décadas, uma característica marcante da história da igreja no Brasil é a impressionante proliferação de manuais de crescimento de igreja [...] o que tem acontecido é, em alguma medida, uma aplicação da velha heresia pelagiana à doutrina da Igreja. Absorvendo acriticamente a perspectiva antropológica fundamentada na suposição da bondade intrínseca do homem, age-se na confiança de que certo método de crescimento, uma vez posto em prática, pode fazer a igreja crescer e se tornar relevante. (Dever, 2018, p. 1).

Nesse sentido, Ferreira equipara a realidade vista nos Estados Unidos por Dever à realidade brasileira contemporânea. Ainda na primeira página do livro ele diz que esse processo não é “somente a capitulação de uma heresia mortal, mas também uma rendição à modernidade” (Dever, 2018, p. 1).

Em resumo, Ferreira afirma:

o que temos são ajuntamentos, sem relevância cultural, social e política que se espera dessas igrejas, como já ocorreu em outros tempos e lugares. Nesse processo, o resultado tem sido pastores desiludidos, à medida que os métodos se frustram, sem muita direção para o futuro, e igrejas desgastadas, cujos membros se sentem usados justamente por aqueles que deveriam cuidar deles (Dever, 2018, p. 2).

Claro que isso não reflete a imagem da igreja universal. Tanto Ferreira quanto Dever afirmam que há ainda algumas igrejas saudáveis, que por mais que sejam imperfeitas, buscam seguir a Bíblia em suas ações.

Outro problema que tem surgido no mundo e afetado a igreja atual é o movimento dos desigrejados, que é ao mesmo tempo uma característica da sociedade pós-moderna. Este movimento torna-se cada vez mais comum, conforme conclui Xavier em sua pesquisa:

A sociedade atual possui um intenso desejo de romper com as instituições, idolatrar sua própria liberdade individual e ter uma grande disposição de opções para consumir como forma de expressão da própria identidade. Tais características gerais da contemporaneidade estão diretamente ligadas ou são fatores cruciais defendidos pelo movimento dos desigrejados que se opõem à estrutura institucional da igreja, não acreditam na necessidade do ofício pastoral para o desenvolvimento da espiritualidade e defendem seus direitos de escolha em como se relacionar com a fé cristã. (Xavier, 2022, p. 35-36).

O autor ainda diz:

As comunidades de fé poderão ser bombardeadas por críticas pelo discurso pós-moderno e, caso não saibam responder às questões de maneira temperada, serão taxadas de instituições frias, mortas ou decadentes. O problema levantado por esse artigo é que o fenômeno dos desigrejados criará, cada vez mais, uma nova expressão do cristianismo que altera fundamentos essenciais para a própria espiritualidade e, com o desenvolvimento e o casamento entre o movimento de ruptura ao lado da sociedade líquida, será possível visualizar uma fé individualista, sujeita a interpretações baseadas com as experiências de cada ser e com várias ramificações, perdendo sua essência (Xavier, 2022, p. 36).

Ainda outro problema identificado na igreja contemporânea, especialmente na realidade brasileira, é a chamada Teologia do Coaching. Em “Você é o ponto fraco de Deus e outras mentiras da teologia do coaching”, os autores esclarecem que a Teologia da Prosperidade tem perdido espaço para uma nova forma de abordagem no ambiente evangélico, que traz uma linguagem e metodologia estranhas ao cristianismo para dentro da igreja:

A teologia do coaching pode ser tratada como uma forma de abordar os ouvintes. É, portanto, uma abordagem, não uma teologia propriamente dita. É a abordagem que trata o homem, seus desejos materiais e/ou carências emocionais, como o foco da pregação e do ministério pastoral ao oferecer, por meio de textos bíblicos mal utilizados, uma narrativa divina que centraliza o homem em poder e importante em valor. (Martins, Pamplona & Nunes, 2023, p. 44).

Esse problema traz um desafio aos membros da igreja, pois o diagnóstico trazido por pregadores coaching muitas vezes são certos, à medida que as soluções não:

Aqui está o efeito mais triste disso: alguns pregadores e igrejas percebem, corretamente, que almas estão doentes pela idolatria do sucesso, do desempenho e da positividade, mas em vez de oferecerem o bom e tradicional evangelho bíblico eles estão alterando a mensagem divina para um outro evangelho, que é emocional e antropocêntrico. (Martins, Pamplona & Nunes, 2023, p. 49).

Assim, percebemos que a igreja atual enfrenta muitos problemas e desafios, porém a missão é imutável. A ordem e comissionamento de Jesus permanecem enquanto os tempos mudam. O grande desafio da igreja é lidar com os múltiplos contextos sendo um povo unido em Cristo para um único propósito que é reunir as nações.

### **3.3 Enfrentando os desafios da igreja hoje: expressando missionalidade em múltiplos contextos**

Como vimos ao longo deste trabalho, a missão da igreja é fundamentada na missão de Deus. Assim, de forma global, a igreja expressa missionalidade vivendo como povo escolhido que atende ao chamado de Jesus. É centrada na mensagem dele, o evangelho, que ela enfrenta os desafios de nosso tempo.

Keller argumenta que: “A Escritura ensina que o evangelho constrói um caminho inteiro de vida e influencia literalmente tudo que nos diz respeito” (Keller, 2014, p. 56), ou seja, não é uma simples mensagem, mas um poder transformador que salva pessoas e muda vidas (Rm 1:16-17). É a partir dessa mensagem que somos chamados a ser igreja.

Para o autor, as igrejas cristãs tendem a confundir a mensagem do evangelho com os resultados dele na vida da igreja. Keller observa que as igrejas tendem a especializar-se em determinados ministérios por não centrar a vida da igreja no evangelho, mas entenderem que o evangelho é apenas o mínimo conteúdo para sermos salvos (Keller, 2014, p. 44-45). O autor diz:

Embora possamos ter a tendência de nos concentrar em uma só área ou ministério, é o evangelho que traz unidade a tudo o que realizamos. Cada forma de ministério é capacitada pelo evangelho, fundamentada no evangelho e resulta do evangelho[...] Por ser infinitamente rico, o evangelho

consegue suportar o peso de ser o “elemento principal” da igreja (Keller, 2014, p. 45).

Segundo Keller, há três aspectos do evangelho que a igreja deve encarnar se quiser ser uma “igreja centrada”, conforme o argumento do livro que vê a igreja como fundamentada no evangelho.

Em primeiro lugar, existe o aspecto “de cima para baixo” em que a igreja encarna a imitação do padrão de Jesus que se fez servo por amor a nós, invertendo a lógica do mundo: “O evangelho, então, cria um novo tipo de comunidade que serve, com pessoas que vivem de um modo completamente incomum como seres humanos” (Keller, 2014, p. 57). Para Keller, viver esse aspecto levará a igreja a desenvolver comunhão, compartilhamento de recursos, busca das disciplinas espirituais e à aproximação racial e com os mais pobres (Keller, 2014, p. 58).

Em segundo lugar, temos o aspecto “de dentro para fora”, que enfatiza a verdade de que nossas vidas são transformadas por uma obra interior graciosa que nos levará a uma vida obediente, não o contrário: “se creio de coração que Deus me aceitou e me ama livremente, pela graça, então posso começar a obedecer em decorrência da alegria e gratidão interior.” (Keller, 2014, p. 57). Viver esse aspecto leva a igreja a evangelização, experiência pessoal, renovação pela graça e plantação de igrejas (Keller, 2014, p. 58).

Em terceiro lugar, o aspecto “de frente para trás” do evangelho realça a esperança de restauração que Jesus trará em sua vinda, assim como o julgamento sobre o mundo.

“Por causa do aspecto de frente para trás, do reino/restauração, a igreja conferirá grande realce ao bem-estar da cidade, ao envolvimento nos bairros e em toda a cidade, ao engajamento cultural e à formação de pessoas para trabalhar em profissões “seculares” com uma cosmovisão cristã. (Keller, 2014, p. 58).

Assim, não é possível falarmos em igreja sem considerarmos a centralidade do evangelho. É através dessa mensagem trazida por Jesus que a igreja é formada e, portanto, por meio dela que se expressa missionalidade. O evangelho relaciona-se com todas as áreas de nossas vidas, abarcando todos os contextos em que somos inseridos, e é proclamando-o e encarnando-o que a igreja se envolve na missão de Deus.

Dever, citando James M. Boice, escreve: “A obra de Cristo é o fundamento da igreja (...) a obra de Cristo continua na igreja; a plenitude do mistério de Deus na redenção é revelada entre seu povo” (Boice *apud* Dever, 2015, p. 7). Em outro trecho

Dever diz: “[...] a proclamação cristã pode tornar o evangelho audível, no entanto, cristãos vivendo juntos na congregação local podem tornar o evangelho visível (ver João 13:34-35). A igreja é o evangelho visível.” (Dever, 2015, p. 9).

Ao longo dessa obra, o autor busca relacionar a vida da igreja com a manifestação do evangelho. Para ele, concordando com Keller, o evangelho permeia todas as áreas da igreja: o seu propósito de existir, a manutenção de suas atividades e ministérios e mesmo a esperança como povo de Deus. Dever ainda conclui dizendo:

A doutrina da igreja é importante porque está vinculada às próprias boas-novas. A igreja deve ser a manifestação do evangelho. É o que evangelho parece quando manifestado na vida das pessoas. Remova a igreja e, assim, você remove a manifestação visível do evangelho no mundo. Os cristãos são chamados a praticar “evangelização de exibição”, e o mundo testemunhará que o reino de Deus começou numa comunidade de pessoas feitas à imagem de Deus e nascidos de novo pelo Espírito Santo (Dever, 2015, p. 206).

De maneira mais específica, a expressão da missionalidade da igreja deve-se dar de maneira perspicaz, levando-se em consideração os múltiplos contextos da sociedade pós-moderna a qual estamos inseridos.

Todos os autores citados no tópico anterior, sobre os problemas e desafios da igreja hoje, concordam que a igreja contemporânea enfrenta o secularismo em suas várias facetas e contextos: seja em relação ao individualismo, polarização política, pressões do materialismo, dificuldades com uma cultura digital e o afastamento em relação à cultura.

Keller nos ajuda a aprofundar o entendimento sobre os desafios da cultura ocidental contemporânea e destaca:

A cultura da modernidade tardia é a primeira cultura baseada na rejeição de uma “ordem sagrada”. Em nome da liberdade individual, a sociedade dos dias de hoje declara que não existe nenhuma realidade transcendente à qual devemos nos conformar. Em vez disso, escolhemos nossos valores e criamos nosso sentido de vida. (Keller, 2023, n.p.).

Em contraposição a esses fatores, Keller sugere um “engajamento missionário” (Keller, 2023, n.p.), em que os cristãos se posicionem de maneira eficaz hoje:

O engajamento missionário *conecta* (ao contrário das estratégias de afastamento), mas *confronta* (ao contrário das estratégias de assimilação) e, por isso, *converte* de fato as pessoas (ao contrário de todas as estratégias, entre elas as de dominação política). Além disso, enquanto critica os fundamentos de todas as outras estratégias, a igreja engajada na ação missionária *de fato* conserva sua característica diferencial (objetivo em comum com a estratégia de retirada). Ela sempre apoia *de fato* o próximo e sempre o serve *de fato* (objetivo em comum com a estratégia de assimilação). Essa igreja *de fato* convida as pessoas ao arrependimento e à mudança de

vida (objetivo eventualmente compartilhado com a estratégia assumidamente política). (Keller, 2023, n.p.).

Além dessas estratégias, Keller elenca seis elementos fundamentais para o engajamento da igreja e enfrentamento dos problemas atuais:

Primeiro: Alta teoria Cristã “questionando as alegações que a nossa cultura faz de neutralidade, objetividade e universalidade” (Keller, 2023, n.p.). Precisamos não apenas conhecer nossa cultura, mas revelar suas falhas em relação à revelação bíblica, apresentando o evangelho como uma alternativa satisfatória.

Segundo: Dinâmica evangelística que seja verdadeiramente pós-cristandade, em que “precisamos descobrir uma versão adaptada à modernidade líquida daquela dinâmica evangelística da primeira igreja, que crescia com as conversões em uma cultura igualmente hostil e incompreensiva” (Keller, 2023, n.p.). Assim, elenca quatro aspectos que fazem parte dessa forma de engajamento: Atenção: “As pessoas prestavam atenção no evangelho porque alguém que elas conheciam bem, com quem trabalhavam e talvez amassem lhes falava a respeito dele” (Keller, 2023, n.p.); Atração: questionar as pessoas sobre suas escolhas de vida; Demonstração: respondendo as dúvidas das pessoas a respeito de Deus, da Bíblia e teologia e; Persuasão: Explicar o evangelho de forma “convicente e atraente” (Keller, 2023, n.p.), revelando o pecado e trazendo a boa-notícia de Cristo.

Terceiro: Visão social que desafie categorias. De acordo com Keller, a igreja primitiva não se enquadrava nas categorias sociais dominantes de seu tempo. Keller destaca cinco elementos dessa desconformidade: 1) Enquanto os pagãos simplesmente herdavam e perpetuavam a identidade, cultura e religião dos pais, os cristãos desafiavam todas as etnias a se voltarem ao único e verdadeiro Deus. 2) Ao passo em que os pagãos cuidavam apenas dos *seus* pobres e necessitados, a igreja cuidava de *todos* os pobres e necessitados, até mesmo dos bárbaros. 3) Mesmo sendo perseguida a igreja não abria mão do perdão, negando a retaliação e a vingança. 4) Ao contrário da sociedade abortista de seu tempo, eles eram “pró-vida”. 5) Em relação a ética sexual, afastou-se do entendimento meramente de prazer e ordem social, para um entendimento cósmico do sexo, associado ao amor de Deus e a entrega mútua no casamento.

Esses cinco elementos são tão contrários à categorização, tão ofensivos e tão atraentes hoje quanto eram na época. As duas primeiras visões, sobre diversidade étnica e cuidado dos pobres, parecem “progressistas”, e as duas

últimas, sobre aborto e ética sexual, parecem “conservadoras”. A terceira característica, não ser retaliatória, não parece com nenhuma corrente de hoje e é comumente rejeitada pela cultura atual da indignação. As igrejas hoje sofrem enorme pressão para se desfazer das duas primeiras ou das duas últimas, e não conservar todas elas. Contudo, desistir de qualquer uma delas tornaria o cristianismo servo de um programa político particular e solaparia o engajamento missionário. (Keller, 2023, n.p.).

Quarto: contracatequese para uma era digital. Para Keller, a sociedade possui diversas narrativas sobre: identidade, felicidade, ciência, moral, justiça e história, que expressam crenças distorcidas sobre a realidade. O desafio da era digital é que: “essas narrativas nos são apresentadas dezenas de vezes por dia - ou por hora - em anúncios, tuítes, músicas, histórias, artigos de opinião etc.” (Keller, 2023, n.p.). Precisamos identificar essas distorções, sabendo separar o que é verdade, segundo a Bíblia, daquilo que é falso. Assim, poderemos criticar e dar uma resposta através da narrativa bíblica.

Quinto: Presença fiel na esfera pública. Para Keller: “a igreja deve ensinar os cristãos a não isolar sua fé de seu trabalho, mas a pensar nas implicações de suas crenças cristãs em seu trabalho” (Keller, 2023, n.p.). A partir de Mateus 5:13 e Jeremias 29, o autor esclarece a importância de sermos fiéis e francos no nosso modo de vida, ou seja, ao mesmo tempo que trabalhamos com empenho para o bem da sociedade, também deixamos claro nossa posição cristã.

Sexto: graça oportuna. Keller relembra que o evangelho é uma mensagem baseada na graça de Deus. Se fomos salvos somente por graça, não podemos deixar de demonstrá-la às pessoas. A religião não pode ser um instrumento que aprisiona ou domina as pessoas, mas sim uma forma de demonstrar graça em qualquer oportunidade.

Dessa forma, ao final de sua obra, Keller alerta para a dificuldade que é pôr em prática todos esses elementos e chama a atenção para a cooperação entre diferentes igrejas na busca por esse engajamento missionário nos dias de hoje.

Em “9 marcas de uma igreja saudável”, Mark Dever responde ao problema dos métodos de crescimento que são vistos em muitas comunidades de fé hoje. Segundo o autor: “Do ponto de vista bíblico, temos de compreender que o tamanho daquilo que nossos olhos vêem raramente é uma boa maneira de avaliar a grandeza de algo aos olhos de Deus” (Dever, 2015, p.22). Seu argumento é que Deus geralmente prova seu povo e às vezes demora em conceder bênçãos, como foi com José no Egito, Jó, e o

próprio Jesus. “Precisamos de igrejas cujo principal indicador de sucesso não sejam resultados evidentes, e sim fidelidade bíblica perseverante” (Dever, 2015, p.23).

Para o autor, pensar em métodos acima do poder da Palavra de Deus é algo que não deveríamos considerar importante: “Esqueça o que dizem os profissionais de crescimento da igreja. Observe pessoas famintas terem suas vidas transformadas, à medida que o Deus vivo fala com elas, por meio do poder de Sua Palavra.” (Dever, 2015, p.50).

Dever afirma também, assim como Keller, que não podemos confundir a pregação do evangelho com os resultados que ele eventualmente trará em relação ao mundo. Muitos podem ouvir a mensagem, porém não se juntarem ao povo de Deus. “Conforme ensinam as Escrituras, a evangelização não pode ser definida em termos de resultados ou métodos, mas somente em termos de fidelidade à mensagem pregada” (Dever, 2015, p.141).

Uma consideração importante nesse sentido, é a “contextualização crítica” (Zabatiero, 2018). A necessidade de pregar com fidelidade o evangelho, ainda que sem sucesso numérico, não obsta a responsabilidade de nos empenharmos em conhecer, entender e se fazer entendidos pelas pessoas. Zabatiero, em um artigo intitulado “O desafio da contextualização crítica”, nos alerta para esse aspecto do anúncio do evangelho: “A vida e a missão das Igrejas cristãs sempre se realizam em um contexto sociocultural específico: Assim aconteceu com Jesus Cristo, que se encarnou como judeu e viveu na “plenitude dos tempos” como judeu” (Zabatiero, 2018). Continua dizendo:

Se, como vimos, a Igreja é predominantemente missão e sua institucionalidade deve estar legitimamente a serviço da missão, esta só pode ser realizada eficaz e abençoadamente pela Igreja se ela se contextualizar criticamente, ou seja, se seguir o modelo de nosso Senhor Jesus Cristo, que se fez carne (Jo 1,11-18) – que se contextualizou entre nós! (v. tb. Fp 2,5-11; Hb 2,9-18) [...] a cultura configura-se em distinção a outras culturas de outros povos, enquanto o Evangelho não se configura em distinção às culturas, mas se concretiza historicamente dentro das culturas. (Zabatiero, 2018).

A mensagem e a vivência da igreja precisam atentar-se a uma leitura correta da sociedade local para que sejamos compreendidos por ela.

Ataídes, escreve um artigo intitulado “A missão da igreja na proclamação do reino”, destacando o papel proclamador da igreja. Para ele, precisamos estar preparados para lidar com culturas locais diferentes sem nos amoldarmos a elas:

Para levar o Evangelho ao pecador, a igreja precisa contextualizar a mensagem sem deixar-se contaminar pelo sincretismo religioso. É preciso entender a cultura local para transmitir uma mensagem que faça sentido, sem deixar, em hipótese alguma, de ser genuinamente bíblica. Devemos levar em conta as características culturais inseridas na comunidade receptora, seus costumes, crenças, valores e tradições, a fim de transmitir Cristo de forma compreensível. (Ataídes, 2025).

Em relação ao afastamento de pessoas da igreja pós-Covid e aos pertencentes do movimento dos desigrejados, Hansen & Leeman insistem que esses grupos precisam redescobrir a igreja. Ao longo da obra os autores buscam demonstrar como a igreja é necessária a nós e mais, é um projeto de Deus para seu povo, que sinaliza o encontro final na vinda de Cristo. “Deus sempre quis que seu povo estivesse fisicamente reunido com Ele. É por isso que Ele criou Adão e Eva com corpos físicos e caminhou com eles no Jardim do Éden” (Hansen & Leeman, 2021, p. 59). Mais do que isso: “Olhando para frente entendemos que Jesus queria que essas assembleias - essas igrejas - antecipassem a assembleia final onde Deus habitará com seu povo mais uma vez (Hansen & Leeman, 2021, p. 60).

Já em relação a abordagem da “teologia do coaching” apresentada por Martins, Pamplona & Nunes, além da apresentação correta do evangelho, segundo os autores, a igreja precisa lidar através do discipulado que resgate três áreas centrais do ensino cristão: quem Deus realmente é, quem é o homem e sua relação com o pecado e como a salvação é manifestada por Deus na Bíblia (Martins, Pamplona & Nunes, 2023, p. 65). Essa é a proposta dos autores, que demonstram ao longo dessa obra como esse ensino toca o mais íntimo do ser humano e custa tudo a ele, ao contrário do que a abordagem coaching oferece com seus proponentes.

Assim, o enfrentamento não consiste apenas na proclamação do evangelho, mas em atitudes concretas em direção às pessoas, para que sejam abençoadas. A igreja expressa missionalidade através de ser um povo que manifesta o evangelho vivo. Não é apenas o que proclamamos ou fazemos, mas como vivemos e entendemos nosso papel de servos chamados por Cristo.

Por fim, todo esse enfrentamento diz respeito a Deus, que, segundo as Escrituras, faz tudo de acordo com seu plano e propósito para que tudo redunde em glória a Ele mesmo (Efésios 1:11-12).

A centralidade da missão não está no homem e nem na igreja, mas no Deus triuno. Ele que fez todas as coisas para o louvor de seu santíssimo nome, quem providenciou o plano de redenção, quem enviou seu Filho, quem manifestou sua graça, quem cumpriu a salvação, quem enviou o Espírito,

quem preparou seu povo, quem delegou autoridade à igreja, edificou e equipou seu Corpo, quem chamou seus servos para a Missão, trará a glória para seu nome, santificará e preparará a noiva, cumprirá seus propósitos eternos, convergindo todas as coisas Nele mesmo e culminando na adoração de todos os povos diante do Cordeiro, o qual finalmente entregará sua coroa ao Pai. A Missão, portanto, começa e termina em Deus. (Alcaíde, 2018).

Dessa maneira, podemos afirmar que a igreja possui uma natureza missional não por autodeterminação, mas por referência. Antes de ser um povo a fim de que, somos uma comunidade identificada com o próprio Deus em atividade sobre Sua criação, de maneira que Ele seja o princípio e o fim de quem somos e do que fazemos no mundo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho propôs-se a tratar da natureza missional da igreja de Cristo através do diálogo de diferentes áreas teológicas. Nesse propósito, fizemos uma abordagem bibliográfica com vários autores, explorando áreas como a Teologia Sistemática, a Teologia da Missão e a hermenêutica missional, juntamente com um panorama teológico da Bíblia para analisar como é e como funciona uma igreja de essência missional. Ainda nesse sentido, tivemos em vista os diversos problemas e desafios enfrentados hoje, em diversos contextos eclesiais. Buscamos também tratar das formas de enfrentamento destes obstáculos que a igreja tem para viver sua verdadeira vocação. Dessa forma, pudemos descortinar a identidade, o papel e as formas de ser igreja hoje.

A Teologia Sistemática busca uma compreensão mais ontológica da igreja, sendo fundamental para uma comunidade eclesial se perceber no mundo e poder diferenciar-se do mundanismo. Ainda a Sistemática, contribui para tratar da missão de Deus e do relacionamento desta com a vocação da igreja, pois não obsta o tema de sua abordagem, apesar de não ser seu ponto de partida.

Nesse sentido, de forma complementar, a Teologia da Missão dá ferramentas para melhor compreensão da natureza missional da igreja, pois está baseada na *Missio Dei*, que dá outra nuance, sendo o fio condutor de toda a Bíblia e desvelando onde a igreja se encontra nele. No escopo desse estudo temos a Hermenêutica missional, que é interessada nos aspectos mais funcionais e teleológicos da natureza da igreja.

A igreja missional, portanto, está baseada nesses pilares, que nos ajudam a perceber o lugar da igreja no plano divino para toda a sua criação. Também através das lentes da *Missio Dei*, vimos como o povo de Deus foi vocacionado ao longo do relato bíblico para ser imagem Dele para às nações. O objetivo da igreja é o que Deus sempre desejou para os seus escolhidos desde o Antigo Testamento: reunir as nações diante do Cristo. Apesar de a igreja ter iniciado em Atos 2 com a vinda e capacitação do Espírito Santo, ela dá continuidade a um mesmo povo que Deus chamou anteriormente.

Estudar a igreja missional, portanto, nos leva a refletir sobre a importância de ser parte de um plano maior de Deus para o contexto de hoje, assim como o povo de Deus sempre foi chamado a fazer. Missão não é algo que fazemos simplesmente, é a essência da própria igreja, que deve ser o evangelho vivo numa sociedade pós-

moderna. Ser missional não é, portanto, adotar algum modelo de igreja, nem simplesmente um retorno ao século primeiro, tampouco uma busca por relevância. Ao contrário, é viver um chamado antigo nos moldes de hoje, mantendo fundamentos bíblicos com um olhar sensível aos desafios de levar o evangelho a todos os perdidos.

Nesse sentido, a igreja missional é uma comunidade de contraste, fundamentada nas Escrituras Sagradas, fiel a Cristo, ao mesmo tempo em que dá grande importância a contextualização crítica e as diversas realidades de hoje, independentemente da denominação a que uma comunidade pertença.

Percebemos, no entanto, que problemas como: secularismo, abandono da igreja, relações pós-pandemia e pragmatismo, tem tornado a realidade eclesial ainda mais necessitada de um olhar missional para a igreja. Viver a missão significa enfrentar os desafios do presente século, levando o evangelho que conecta e confronta. Isso deve levar cada comunidade a uma autocompreensão e a uma análise mais profunda do contexto social que está inserida, buscando formas para engajar-se na cultura, aproveitando o que é bom, sem amoldar-se a seus males.

Dessa forma, a hipótese de que precisaríamos pensar sobre a o que a missão de Deus envolve, para que entendêssemos a essência da igreja, mostrou-se verdadeira. Também se mostrou verdadeira a complementariedade de perspectivas para descortinar a natureza missional da igreja e o nosso papel no mundo hoje.

Essa pesquisa, porém, é apenas um recorte de todo o espectro do estudo da doutrina da igreja. Limitações como: tempo e espaço para escrita e a diversidade abrangente de subtemas, fornecem apenas uma parte do que esse estudo pode contribuir para o povo de Deus hoje. Nesse sentido, esperamos novas abordagens e discussões que nos levem sempre a refletir o chamado de Cristo ao seu povo, para que sejamos de fato, sal da terra e luz do mundo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCAIDE, D. F. O valor do estudo de teologia bíblica da missão. **Teologia Brasileira**. São Paulo. Disponível em: <https://teologiabrasileira.com.br/o-valor-do-estudo-de-teologia-biblica-da-missao/>. Acesso em: 14 mai. 2025.

ALLISON, Gregg R. **Eclesiologia**: uma teologia para peregrinos e estrangeiros. Tradução: Susana Klassen. São Paulo: Vida Nova, 2021. 560 p.

ATAÍDES, F. M. A missão da igreja na proclamação do reino. **Teologia Brasileira**. São Paulo. Disponível em: <https://teologiabrasileira.com.br/a-missao-da-igreja-na-proclamacao-do-reino/>. Acesso em: 14 mai. 2025.

BARRO, J. H; A igreja missional. **Faculdade Teológica Sul Americana**. Londrina. Disponível em: <https://ftsa.edu.br/a-igreja-missional/>. Acesso em: 14 mai. de 2025.

BARTHOLOMEW, Craig G; GOHEEN, Michael W. **O drama das Escrituras**: encontrando o nosso lugar na história bíblica. Tradução: Daniel Kroker. Livro digital. 3ª Ed. São Paulo: Vida Nova, 2025. 304 p.

BOSCH, David J. **Missão transformadora**: Mudanças de paradigmas na Teologia da Missão. Tradução: Geraldo Korndorfer; Luís M. Sander. São Leopoldo, RS: EST, Sinodal, 2002. 690 p.

DEVER, Mark. **Igreja**: o evangelho visível. Tradução: Francisco Wellington Ferreira. Livro digital. São José dos Campos: Editora Fiel, 2015.

\_\_\_\_\_. **Nove marcas de uma igreja saudável**. Tradução: Francisco Wellington Ferreira. Livro digital. 1ª Ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2018. 312 p.

FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. **Teologia Sistemática**: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual. São Paulo: Vida Nova, 2007. 1218 p.

GINGRICH, F. Wilbur. **Léxico do Novo Testamento**: grego, português. Tradução: Júlio P. T. Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1984.

GOHEEN, Michael W. **A igreja missional na Bíblia**: luz para as nações. Tradução: Ingrid Neufeld de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2014. 286 p.

\_\_\_\_\_. **A missão da igreja hoje**. Tradução: Valéria Lamim Delgado Fernandes. Livro digital. Viçosa: Ultimato, 2019. 392 p.

HANSEN, Collin; LEEMAN, Jonathan. **Igreja é essencial**: redescobrimo a importância do corpo de Cristo. Tradução: João Paulo Aragão da Guia Oliveira. Livro digital. São José dos Campos: Editora Fiel, 2021. 176 p.

HOLLADAY, William L. **Léxico hebraico e aramaico do Antigo Testamento**. Tradução: Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2010.

KELLER, Timothy. **Igreja centrada**: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho. Tradução: Eulália P. Kregness. São Paulo: Vida Nova, 2014. 464 p.

\_\_\_\_\_. **Como reconquistar o ocidente para Cristo**: 6 pontos fundamentais sobre missões no mundo de hoje. Coordenação: Fabiano Silveira Medeiros. Tradução: City to city Brasil. Livro digital. 1ª Ed São Paulo: Heziom, 2023. 80 p.

KRUGER, Michael J. **Introdução bíblico-teológica ao Novo Testamento**. Tradução: Willian Orland. Livro digital. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023. 880 p.

MARSHAL, I. Howard. **Teologia do Novo Testamento**: Diversos testemunhos, um só evangelho. Tradução: Marisa K. A. de Siqueira Lopes, Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2007. 651 p.

MARTINS, Yago; PAMPLONA, Pedro; NUNES, Guilherme. **Você é o ponto fraco de Deus e outras mentiras da teologia do coaching**. Livro digital. São Paulo: Mundo Cristão, 2023. 224 p.

OSBORNE, Grant R. **A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica**. Tradução: Daniel de Oliveira, Robinson N. Malkomes, Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2009. 767 p.

REINKE, André Daniel. **Aqueles da Bíblia: história, fé e cultura do povo bíblico de Israel e sua atuação no plano divino**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021. 416 p.

SCHNELLE, Udo. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução: Monika Ottermann. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2017. 1111 p.

SHELLEY, Bruce L. **História do cristianismo: uma obra completa e atual sobre a trajetória da igreja cristã desde as origens até o século XXI**. Tradução: Giuliana Niedhardt. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018. 560 p.

SPROUL, R. C. **O que é a igreja?** Tradução: Maurício Fonseca dos Santos Jr. Livro digital. 1ª Ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2014. 77 p.

PELT, Miles V. Van. **Introdução bíblico-teológica ao Antigo Testamento**. Tradução: Marcelo Siqueira Gonçalves. Livro digital. 1ª Ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2024. 909 p.

THOMAS NELSON BRASIL. **Bíblia de Estudo Thomas Nelson – Nova Versão Internacional**. 1ª Ed. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2021. 2720 p.

\_\_\_\_\_. **Bíblia Sagrada – Nova Versão Internacional**. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2023. 1152 p.

VICEDOM, Georg. **A missão como obra de Deus: Introdução a uma teologia da missão**. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

WALTON, John H. **Teologia do Antigo Testamento para cristãos**: do contexto antigo à crença duradoura. Tradução: Cecília Camargo Bartalotti. 1ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2021. 259 p.

WRIGHT, Christopher J. H. **A missão de Deus**: desvendando a grande narrativa da bíblia. Tradução: Daniel Hubert Kroker, Thomas de Lima. Livro digital. São Paulo: Vida Nova, 2014. 576 p.

\_\_\_\_\_. **A missão do povo de Deus**: uma teologia bíblica da missão da igreja. Tradução: Waléria Coicev. Livro digital. São Paulo: Vida Nova, Instituto Betel Brasileiro, 2012. 352 p.

\_\_\_\_\_. **Como pregar e ensinar com base no antigo testamento**. Tradução: Cecília Eller. Livro digital. São Paulo: Mundo Cristão, 2018.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. O desafio da contextualização crítica. **Faculdade Teológica Sul Americana**. Londrina. Disponível em: <https://ftsa.edu.br/o-desafio-da-contextualizacao-critica/> Acesso em: 14 de nov. de 2025.